O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 11 DE AGOSTO DE 1888

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:716

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — HYDRAULICA-AGRICOLA.—AVENTURAS DE MAMBRINO.—EMBROGLIO.—A CALUMNIA.—DECLARAÇÕES.—NOTICIAS LOCAES.—DIREITO DE PETIÇÃO.—HYDRAULICA AGRICOLA.—A EMANCIPAÇÃO NO BRAZIL.—NOTICIAS DIVERSAS.—NOVAS DE LONGE.—SECÇÃO LITTERARIA: TYPOS DA MINHA TERRA, *por Alexandre da Conceição*; O VIRTUOSO CATÃO E HONRADO HORTENSIO, *por Camillo Castello Branco*.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—CARTA DE LISBOA.

AVEIRO

HYDRAULICA-AGRICOLA

O APROVEITAMENTO DAS AGUAS DO PAIZ

O illustre ministro das obras publicas, que tem vinculado o seu nome a todos os grandes melhoramentos patrios, vae iniciar uma série de providencias tendentes a aproveitarem-se as aguas do paiz, fomentando assim em larga escala o desenvolvimento da agricultura, e abrindo novos e largos horisontes a uma das mais importantes, se não á mais importante industria nacional. Todas as nações cultas do novo e velho mundo se lançaram confiadas nos seus braços, ou explorando a terra na sua complexa variabilidade de productos, ou arrancando das aguas a prodigiosa abundancia de elementos que se assignalam na vida pratica por uma fonte inexgotavel de riqueza.

A alliança intima da aquicultura com a agricultura produziram os assombrosos phenomenos que fizeram resurgir as regiões alagadas da França, da Allemanha, da Austria, da Belgica, da Russia, da Florida, da Algeria, do Canadá, da Suecia, da Dinamarca, e de tantas outras povoações, que são hoje a prova irrefutavel do que vale a exploração methodica, auxiliada por uma lei de defesa e de protecção. Na terra e nas aguas residem as unicas forças productivas da Naturesa. Uma e outras encerram em si a base para a solução do grande problema da alimentação publica, a questão magna da actualidade entre todos os povos.

Um paiz de lavradores é necessariamente um paiz rico. Mas essa riqueza não consiste na proporção do numero de charruas, que rasgam as entranhas do solo, mas na justa harmonia entre o terreno aravel e a perfectibilidade da exploração agricola.

Alongar a vista por centenas de hectares de geiras, que se expandem n'uma vegetação anemica, morta de sede e falta de seiva, longe de ser uma esperança, é decerto uma desoladora manifestação da nossa pobreza, se não da ignorancia ou do desleixo votado pelo lavrador ao agente principal da sua fortuna. Recorrer ao imposto para difficultar a entrada dos productos estrangeiros nos mercados do paiz, é uma temeridade sem nome, que póde trazer, como tremenda consequencia, todas as responsabilidades da fome.

Não, é, pois, da grande área territorial destinada ao exercicio da agricultura, nem dos rigores da pauta para os cereaes estrangeiros, que depende a reorganisação d'aquella industria e o seu completo desenvolvimento. Não é, portanto, ás pressões do imposto que o governo deve recorrer para salvar a nossa agricultura, mas vasar em novos moldes essa exploração e lançar pelos campos fóra o elemento poderosissimo das agoas, rico de materias organicas capazes de fertilisarem as zonas mais improductivas.

E' esta a solução que o nobre ministro das obras publicas acaba de dar ao complicado problema da agricultura. Profundamente conhecedor do que póde valer entre nós aquella industria, dirigida por mão firme e pulso forte, o sr. Emygdio Navarro vae dar á agricultura um novo e prodigioso agente, que mais que nenhum outro produzirá resultados positivos e levantará da sua apathia normal o lavrador portuguez. Adaptados ás condições especiaes de cada região os beneficos principios da hydraulica-agricola, o Alemtejo verá transformarem-se rapidamente as suas enormes extensões incultas, em lezirias fertilissimas e comprehenderá a magnitude do serviço prestado pelo energico ministro á agricultura nacional.

Uma das primeiras applicações praticas da hydraulica-agricola vae ser a construcção de uma albufeira na ribeira de Seda. Para se avaliar com dados certos da importancia d'esta obra, basta transcrever uma pequena parte do parecer dado sobre o assumpto pela junta consultiva de obras publicas. Por esse extracto se calcula facilmente a vantagem da medida que o sr. conselheiro Emygdio Navarro vae pôr em execução. N'um paiz medianamente illustrado, ou menos subserviente ás imposições miseraveis da politica facciosa, esta providencia bastaria para elevar cem vezes á cathegoria de benemerito o ministro emprehendedor, que com um civismo fóra do commum se dedica aos progressos do seu paiz.

Os trexos do parecer a que acima nos referimos são os seguintes:

«Um hectar de terra de matto, mattido a culturas regadas, póde dar em 1.ª cultura por exemplo 2:000 kilos de feno, que a preço de 10 réis o kilo produz 20$000 réis e em segunda cultura 320 alqueires de milho ou 4:480 litros, que a preço de 28 réis o litro produz 125$440 réis. Este mesmo terreno poderia produzir, antes de ser irrigado, em cortes de matto, de 5 em 5 annos, 400 molhos, que a preço maximo de 50 réis diaria 20$000 réis, ou 4$000 réis por anno. Notando-se que para obter este resultado era necessario que o matto tivesse procura, o que geralmente não succede. Os resultados da irrigação dão n'este caso um lucro na razão de 1,36. Descontando 50 p. c. para despezas de cultura e contribuições, será o producto 1,18.

«O valor dos terrenos que d'antes não podia reputar-se a mais de 4 réis por metro quadrado, passa a valer 140 réis. E se em logar de se vender o matto, o que geralmente não podia ter logar, se recorresse ás roças para semeiar centeio, teriamos a seguinte producção para o terreno de matto: 1680 litros de semeadura, a 10 sementes de producção, na melhor hypothese, daria 168 litros ou livre de despezas 840 litros, que a 25,7 equivaleria a 21$588, ou por anno réis 4$317. N'este caso teriamos a relação de 4$317 para 72$720 réis, ou 1,17 proximamente. N'estas condições de producção ainda o valor do mesmo terreno regado torna-se 17 vezes maior; deve, porém, notar-se que o fabrico das terras incultas de matto exige muito mais braços, proximidade de centros de consumo, e estas circumstancias escasseiam totalmente na maior parte dos casos.

«Escusado será alongar este parallelo para provar as vantagens das irrigações, as quaes em muitissimos casos vão muito além do exemplo apontado, por se referirem a cultura de plantas industriaes como a cana doce, o tabaco, o canhamo, a beterraba, e os fructos apreciados e de facil extracção nos mercados.

«A execução, pois, d'uma obra d'esta ordem, seria de tão notavel vantagem e exemplo n'aquella provincia, que perpetuaria o nome de quem a mandasse executar.»

As considerações que acabamos de extractar, e que por fórma alguma poderão ser averbadas de suspeitas, dizem a ultima palavra sobre a magnitude da obra, que vae realisar-se. O systema das irrigações methodicas, isto é, o conveniente aproveitamento das aguas em favor da agricultura, é o ponto de partida para o desenvolvimento d'aquella industria. Os seus resultados hão de ver-se em pouco tempo. Entretanto, vamos reservando nos o direito de perguntar depois aos homens da opposição, se não é uma deslealdade ao seu partido e uma traição ao seu paiz, desajudar a obra monumental da reorganisação da agricultura, batendo no campo das emulações e dos despeitos, dos odios pessoaes e dos rancores partidarios, o trabalhador infatigavel e presistente, que tem assignalado a sua passagem pelo poder com os mais assombrosos rasgos de poderosa iniciativa e de nunca desmentida actividade.

No proximo n.º concluiremos o presente artigo, que, por falta de espaço, tivemos de cortar n'este ponto.

FERNANDO DE VILHENA.

AVENTURAS DE MAMBRINO

EXERCICIOS DE PERCHA

Nunca vimos infelicidade egual. Quanto mais se emaranha em calculos, mais se estende. Compulsou o orçamento de 1886-87, confrontou-o com a receita realisada em 1887-88, e grita que houve diminuição de rendimentos. Se lhe respondem que a causa foi ter a administração transacta vendido foros, cujo capital representava réis 2:692$740 apenas por 1:553$285 réis, passa logo o pé, foge, balbuciando que a venda fizera-a o governo, que apenas deferiu ao que lhe expoz a meza dissolvida, mandando pôr em praça os mesmos foros. Mas, acode Mambrino com a vista enviezada, diminuiu a receita proveniente do tratamento dos militares, querendo assim inculcar que o excellente estado sanitario que se observa no quartel é devido á meza administrativa da santa casa, que não soprou sobre aquelle recintho todas as epidemias conhecidas, para que ás enfermarias acudisse maior numero de doentes, o que, diga-se de passagem, seria uma calamidade, visto que cada praça de pret paga apenas 240 réis diarios, quando a despeza está calculada, termo medio, em 340 réis.

E depois Mambrino embrenha-se em considerações que revelam bem a consciencia com que discute. O pataratа diz, que se a despeza diminuiu consideravelmente no ultimo anno economico fôra:

1.º—porque fôra menor o numero de dias de tratamento de doentes militares;

2.º—porque tinha sido menor o preço dos generos necessarios á alimentação dos doentes;

3.º—e que estabelecidas as devidas compensações só havia augmento de despeza em logar das decantadas economias.

Não obstante não demonstra, nem sequer ligeiramente nenhuma das suas proposições, e apesar do allegado já estar respondido e desfeito, mais uma vez nos daremos ao trabalho de pulverisar aquellas trapalhices, que mostram bem o estado de allucinação em que se acha o infeliz Mambrino.

Assim contestaremos:

A' primeira parte—que o hospital não está aberto só aos doentes militares; ha alli enfermarias especialmente destinadas aos enfermos civis; e ultimamente o commissariado de policia tem-se encarregado de povoar uma d'ellas, enviando para lá as meretrizes que precisam de tratamento. Mas não se deve só a esta circumstancia o movimento e despeza do hospital em 1887-88. Todos os pobres que requereram para serem alli tratados, foram pela meza admittidos. A nenhum recusou o ingresso n'aquella casa hospital. Accudiram durante o anno bastantes das freguezias ruraes do concelho.

Quanto á segunda parte:

Quando a meza entrou em julho de 1887, já o preço dos generos tinha descido no mercado. Por exemplo encontrou o hospital a comprar a carne a 215 reis o kilo, e restabelecendo immediatamente a arrematação, adjudicou-a logo a 174 reis, ao mesmo fornecer que a vendia até alli avulso a 215. A forçura desceu logo 20 réis o kilo, o tempero 60 reis, o pão 7 reis, o arroz 15 reis, o assucar branco 30 reis, o pingue 20 reis, o chá 600 reis, o café 240 reis, as batatas 9 reis, o bacalhau 20 reis, o vinagre 15 reis em litro, o petroleo 2 reis e o feijão 10 reis. Isto com intervallo apenas de dias, é espantoso. Nós não queremos censurar ninguem, limitando-nos só a fazer sentir o inconveniente dos fornecedores serem tambem mezarios, sendo devidos a esta circumstancia quasi todos, senão todos os abusos que se davam na administração interna do hospital.

A arrematação dos fornecimentos, como era praxe, acabaria, como acabou com parte dos desperdicios de que o publico tinha conhecimento. Fez diminuir a despeza, mas não era tudo. Precisava-se de uma fiscalisação energica, activa, que não deixasse respirar os que estavam no costume de locupletar-se com o que era da casa. O enfermeiro tinha tres filhos, além do vendedor de cautellas. Tudo comia alli da panella que o estabelecimento só faculta aos seus doentes e aos seus empregados. Seguia-se que a alimentação ou ração distribuida a cada individuo em tratamento era insufficiente. Para sustentar mais quatro bocas que não tinham estipendio official, não havia remedio senão entrar pelo que estava destinado para cada enfermo.

Ora a tabella é já insufficiente e tanto, que a meza actual deliberou mandar dar a 5.ª aos convalescentes. Quer isto dizer que só a ração de carne passou de 250 gr. a 360. E se podessemos agora calcular em reis a importancia da differença, teriamos uma verbasinha regular para adicionar a favor da gerencia de 87-88.

Tudo isto prova que a meza procedeu correctamente, mas que lhe restava muito a fazer para que a sua administração fosse levantada a todos os respeitos. O pessoal interno não correspondia aos fins, e era preciso reformal-o, para que se gastasse unicamente o indispensavel, encravando-se de vez a roda dos desperdicios. Porque não bastava que o preço dos generos tivesse diminuido. Convinha providenciar para que fossem distribuidos regularmente só com o pessoal legalmente admittido; e que quando houvessem sobras de chá, assucar, café, e mais generos, não continuassem a ser propinas do enfermeiro, em vez de passarem para a dispensa do estabelecimento. E isto não podia ser, mas era o que se fazia, e ao que se não podia obstar com as simples visitas do mezario de serviço. E a todas estas irregularidades obstaram as irmãs hospitaleiras com um zelo inexcedivel.

A meza deliberou que não fossem de 1.ª qualidade os fornecimentos de chá, assucar e café. Muitas familias da cidade gastam em suas casas estes generos de 2.ª qualidade. Ora fazer-se o contrario n'um hospital de tenues rendimentos, e que admitte gente necessitada, não era luxo na miseria, poderia mesmo classificar-se como esbanjamento. Assim aquelles artigos são de 2.ª, e muita gente que conhecemos se fornece d'elles, achando-os excellentes.

Já se vê que a diminuição da despeza se deve em parte á reducção dos preços, porque a meza actual contractou os seus fornecimentos, nem era possivel que com tres mezes e meio de direcção as irmãs hospitaleiras tivessem realisado 330$000 reis de economias. Isto mesmo dissemos nós, e se Mambrino não reparou, deu novo estenderete. Porque o seu comentario foi tão desastrado, que fez rir ainda os mais ingenuos. E, note-se bem, se a tolice de Mambrino passasse desapercebida, teriamos que se em 3 1|2 mezes a reducção foi de 330$000 reis, no fim de um anno desappareceria a despeza das dietas, e teriamos em vez d'ella um saldo positivo.

Não, sr., não queremos senão a verdade sempre e em tudo. A cada um o que for seu. Nem de mais nem de menos. E como preferimos o confronto e apreciação das cifras, á gymnastica que Mambrino emprega nos seus trabalhos de percha, concluimos mais uma vez por lhe asseverar que, a meza de 1887-88 economisou 330$000 réis só nas dietas do hospital, não obstante exceder em 278 o numero de dias de tratamento dos doentes. E provocamos o cavalleiro de triste figura a que nos desminta, pondo desde já á sua disposição os elementos que possuimos, os quaes são um extracto da escripturação official feita exclusivamente pelo empregado d'aquella casa hospitalar.

EMBROGLIO

O nosso illustre collega da *Provincia* deixa de quando em quando invadir as suas columnas por um jaime philosopho, que é verdadeiro aborto de talento e de saber.

Temos á vista a ultima producção d'esse luminoso engenho, e não podemos furtar-nos ao gaudio de lhe reflettir os folgores.

Intitula-se *Inconscientes* esse desconchavo em prosa. Falla de si no plural, o nosso heroe, por legitima vaidade. Podia intitular-se *jaimes*, e passar o titulo, no singular, para assignatura, que não ficava peor nem menos exacto

Começa o homem por dizer que não monta a cavallo na philosophia por ter medo de cair. Mas provavelmente pelo mesmo motivo é que a philosophia o não monta. Talvez se dê melhor com o cavallo das musas. Couce por couce, e os versos não seriam maus.

Mas elle vae fazer a «analyse das crises», pondo de lado a «*inconsciencia transcendente*». Crises são «movimentos da opinião publica»; «a primeira ideia que offerecem são duas», e «envolta com estas duas uma parcella de justiça».

Que fina observação, não é? «Deixando transparecer o rebrilhar», a «psychologia das collectividades é a sumula da phychologia dos individuos», e porisso «o povo é uma grande criança». Esta ideia d'um pequeno grande, é ainda mais original do que a do *joven ancião*. Mas o tal pequeno é «grande apenas pela força physica, e portanto a sua organisação psychologica é nada complexa».

A conclusão é rigorosa. Applicuem-na ao sujeito, e verão.

O tal pequeno, porém, não é tão grande como parece.

Demonstração:

«Os sentimentos humanitarios... acabaram pelo reconhecimento pleno dos seus direitos.» Percebem? Nós tambem não, mas deve ser muito bem pensado.

E depois que definições tão profundas! Ahi vão algumas:

«O succo do fructo venenoso é sangue.» E nós a imaginarmos que era veneno!

«A terra é o esquecimento dos principios da moral e da justiça nas instituições sociaes.» A escriptura diz que é pó, mas engana-se.

«A fome é um instincto animal.» Podia deixar de o ser, mas é. Elle o diz.

«O amor é uma paixão abstracta.» Etc. Etc.

Tem então descobertas d'um valor scientifico inestimavel:

Como esta

«E' nas camadas profundas que se movem as grandes correntes, lentas e caudalosas.» Lentas e caudalosas é admiravel!

Agora, serio, serio. Este pobre homem não terá no mundo quem olhe por elle? Coitado!

A CALUMNIA

A folha republicana, *Os Debates*, aprecia nos seguintes termos o procedimento dos seus correligionarios d'Aveiro. E' cruel, mas justo.

«A suspeição cruel e a calumnia deprimente são hoje em dia, para alguns, as *melhores armas politicas. Por via de regra* quando se não póde atacar um adversario no campo aberto da discussão serena dos principios por n'esse campo elle ser invulneravel, jogam-se-lhe perfidias, inventam-se phantasiosas traições ou mesmo escrevem-se ou mandam-se escrever em tristes pasquins as mais absurdas calumnias.

E algumas vezes succede que o povo acredita n'essas ciladas armadas á sua boa fé; toma á conta de acto de justiça essas perfidias; liga importancia a similhantes dislates e calumnias!

O que vale, é que não ha nada como o tempo para mostrar d'um modo bem claro a justiça ou a injustiça das suspeições, que por ahi se formulam e se encastellam. A questão está em saber esperar. Quem tiver a consciencia tranquilla, embora seja calumniado, vê fatalmente ao fim de algum tempo, que a opinião lhe não recusa a justiça que o seu caracter e os seus serviços merecerem. Reconhecem-se então os interesses baixos e mesquinhos que inspiravam taes aleivosias, quando se não vê tambem a mão occulta que ajudava outras inconscientes a vibral-as como navalhadas traiçoeiras!

DECLARAÇÕES

Foram-nos apresentadas as seguintes a que damos publicidade n'este logar:

«*Amigo e sr. redactor*—Peço o favor de declarar em meu nome no seu illustrado jornal que é redondamente falso que eu tenha subscripto com qualquer quantia na subscripção aberta pelo *Povo d'Aveiro* para as despezas dos processos crimes que lhe movem os distinctos cavalheiros insultados calumniosamente por esse jornal, e que portanto se n'essa subscripção está o meu nome, como esse jornal inculca, tal assignatura é falsa, pois não só em caso algum subscreveria para tal fim, como até me repugna o que esse jornal tem dito e feito, e contra isso protesto como fazem os homens de bem.

Aveiro, 5 d'agosto de 1888.

De v. amigo

Manuel Nunes da Silva.»

Ainda mais:

«Eu abaixo assignado declaro que tendo vindo o meu nome publicado no *Povo d'Aveiro* n.º 339, para a subscripção aberta pelo dito jornal para occorrer ás despezas dos processos, não é verdade eu ter concorrido para tal fim, nem tão pouco ser sabedor.

Aveiro, 11 d'agosto de 1888.

Domingos dos Reis, empregado publico reformado.»

Não commentamos. O publico imparcial que tire a moralidade do facto de se publicarem falsamente nomes e quantias n'uma subscripção para custear despezas feitas por causa da diffamação com que tentam ahi enlodar pessoas e cousas, o que dá a medida exacta tanto dos caracteres que emprehenderam a cruzada, como dos que a aplaudem, não se lembrando sequer de que já foram victimas da licensa, e que o volverão a ser logo que isso faça conta á anarchia.

Pela nossa parte, nós que nunca fizemos causa commum com a demagogia, nem batemos as palmas ao calão com que ella verberava os nossos adversarios, lamentamos que a obsecação de uns e outros os obrigue a praticar excessos, de que um dia, talvez mais cedo do que se julgue, hão de ter sincero arrependimento.

No entretanto ahi ficam duas declarações, que provam bem os baixissimos expedientes a que se recorre quem preza pouco a propria dignidade, porque outra cousa não é calumniar e diffamar individuos que nunca se embaraçaram no seu caminho.

NOTICIAS LOCAES

Notas da carteira.—Está em Aveiro, com sua ex.ma familia, o nosso amigo o sr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães, digno conservador do registo predial em Elvas.

— Visitou-nos o nosso respeitavel amigo o sr. barão de S. João de Loureiro, digno procurador á Junta Geral d'este districto.

— Está na sua casa de Paradella o ex.mo sr. arcebispo de Mitylene, D. Manuel Baptista da Cunha. S. ex.a tem sido alli procurado por muitos dos seus amigos—por muitos d'aquelles que respeitam e apreciam o seu nobilissimo caracter.

— Chegou á sua casa da Meza o nosso prezado amigo o sr. Antonio Gomes Vidal, que regressou com suas ex.mas esposa e sobrinha do Panamá. O sr. Vidal vae partir com s. s. ex.as para as Pedras Salgadas.

— Diz-se que o sr. coronel de cavallaria 6, Bento da França, virá commandar o 10. E' s. ex.a um official que goza bons creditos no exercito. A sua collocação em Aveiro será por tanto acertada.

— Foi com licença para Vizella, a fim de fazer uzo das aguas thermaes, o sr. capitão Sarmento, digno capitão de cavallaria 10.

— Partiu para Lisboa com s. ex.ma familia, o sr. Eça Leal, intelligente inspector de fazenda n'este districto.

— Estiveram hontem em Aveiro os rev.mos srs. prior de Cazal Comba, João dos Santos Seabra, Lindo de Barros, respeitaveis sacerdotes do concelho da Mealhada, e dr. Joaquim Lino, habil advogado d'Anadia.

— Esteve hontem em Aveiro o nosso illustre amigo, o sr. Luiz Ruivo de Figueiredo, de Tamengos.

— Foi hontem a Espinho, em serviço, o nosso amigo e digno inspector das matrizes, sr. Barros Lima.

— Está felizmente quasi restabelecido do seu ligeiro incommodo o nosso querido amigo e distincto clinico da cidade, sr. dr. Pereira da Cruz. Muito folgamos.

— Continua melhor, o que estimamos, a ex.ma sr.a D. Hedwiges de Moraes e Costa, illustrada e virtuosa sobrinha do nosso velho amigo, sr. José Ferreira Lucena.

Commissão da imprensa.—A's sete e meia horas da tarde de ante-hontem passou na estação do caminho de ferro, em direcção ao Porto, a commissão da imprensa de Lisboa que alli vae fazer venda do formosissimo jornal *Lisboa-Porto*, publicação destinada a minorar a sorte das infelizes victimas do Baquet. A commissão, que se compõe dos illustrados jornalistas e escriptores da capital, os srs. Luciano Cordeiro, Antonio de Castilho, Baptista Borges, Magalhães Lima e Antonio Castanheira, era aguardada na *gâre* por todos os redactores d'este jornal e mais alguns cavalheiros, que se quizeram associar nas felicitações que fomos apresentar áquelles nossos collegas e ao mesmo tempo comprar alguns numeros do *Lisboa-Porto*. Acompanhavam a commissão a esposa do sr. Luciano Cordeiro e duas gentilissimas senhoras, filhas de s. ex.a O jornal *Lisboa-Porto* é a melhor publicação que n'este genero se tem feito no paiz e por certo poderá rivalisar com as mais primorosas do estrangeiro. Tudo que se diga é pouco, tal é o seu valor.

Se a parte artistica é deslumbrante, a litteraria não lhe é inferior, pois acham-se ali enfileirados escriptos de tudo que em Portugal tem um nome como escriptor. No numero dos collaboradores conta-se o nosso collega Marques Gomes, que acedendo ao honrosissimo convite que lhe dirigiu a commissão, escreveu o artigo ali publicado sob o titulo *Politica e a caridade*, em que se faz o confronto entre as rainhas as sr.as D. Maria II e D. Maria Pia. Na pagina litteraria d'um dos proximos n.os transcreveremos o artigo alludido.

Hamilton d'Araujo.—Foi ante-hontem, ao cair da tarde, d'aquella tarde maguada, que agonisava tranquilla n'um doce desmaio de luz crepuscular, que o pobre, que o desditoso Hamilton cerrava para sempre aquelle formosissimo olhar, e descia, no seu branco caixão immaculado, em jornada eterna, a rua Costa Cabral á egreja do Carmo e d'ahi a Agramonte, entre flôres e aromas, entre lagrimas e soluços, ao socego da sua ultima morada.

Aproxima-se, dizem-nos, o silencio da noite quando aquelle lucidissimo espirito voava a regiões mais altas. E foi na belleza encantadora d'aquella tarde dourada, que caía para o occidente, que o malogrado poeta e camarada estimabilissimo foi terminar na escuridade fria da campa a sua apotheose de perfumes e de luz, entre os canticos dos anjos e o azul de um ar purissimo!

Pobre poeta, pobre moço, pobre companheiro de ventura, n'umas passadas horas de felizes dias!

Que a tua alma generosa e candida seja agora osculada pelo perfume bom que em teu coração houve sempre, que o teu religiosissimo espirito receba sempre o aroma doce e casto que os bons eternamente recebem no immenso seio de Deus!

Nem um!—Ao nosso emprazamento, sobre o nome dos progressistas subscriptores para a propaganda da diffamação de tudo e de todos, nem um só appareceu para revindicar o titulo ou justificar a manobra do tio e do sobrinho. Creiam que estes dois são singulares, e tão singulares, que dizendo-se progressistas, tinham chuchado dos regeneradores logares de conselheiro de districto, chegando até a apresentarem as suas pessoas como candidatos a deputado e á reitoria do lyceu. E só depois é que se chrismaram, justificando o conhecido epitheto de... *gente de ganhar!* Elles lá se entendem. Querem e não querem. Dizem que não, mas amofinaram-se e passaram as palhetas quando lhes não deram o que diziam que não queriam. D'estes partidarios ha muitos na hora da distribuição das pitanças, mas nos dias de provação... ninguem os enxerga.

Vê-se porém que os homens já estão descontentes, visto que muitos dos mais graduados do seu antigo campo, abandonaram a camaradagem, que não honra ninguem. A gente séria não póde fazer causa commum com a anarchia, que insulta Deus, que invectiva o rei, que affronta a religião, o clero e as instituições!

Azylo-Escola Districtal.—Foram mandados admittir na *Secção Barbosa de Magalhães* do Azylo-Escola Districtal, o exposto Joaquim, n.º 737, a cargo da ama Marianna de Jesus, do logar da Moita, freguezia da Oliveirinha; o exposto Luiz, n.º 868, a cargo de Maria Emilia Dias de Figueiredo, de Esgueira; o desvalido Francisco, filho natural de Maria da Conceição a Gonçala, de Esgueira; o desvalido Nephtali, de 9 annos, orfão de João de Oliveira Christovão, d'Aveiro; o desvalido José, de 7 annos, orfão de Joaquim da Roza, da Vera-Cruz; o desvalido José, de 7 annos, orfão de Francisco Cardoso Valente Barahona, de Esgueira; o desvalido Antonio, de 7 annos, orfão de José Antonio de Sousa, da freguezia de Sôza; o desvalido José, de 8 annos, orfão de Antonio de Mattos, de Pardilhó.

Foram nomeados: guarda-livros, o sr. José Maria Duarte; prefeito da secção masculina, o sr. Jeremias da Conceição Lebre; e prefeita da *Secção José Estevão* a sr.a D. Maria José da Maia Gasparinho.

O numero dos alumnos do Azylo-Escola é actualmente: internos do sexo feminino, 24; internos do sexo masculino, 20; externos do sexo masculino, 4; total—48.

Consta-nos que a Commissão Districtal tracta de montar brevemente no mesmo Azylo-Escola uma officina de carpinteria e marceneria, contractando para mestre um dos nossos mais habeis artistas.

Banquete.—Eram muitos e distinctos os visitantes que teve Angeja, por occasião da sua festa annual, a alguns dos quaes deu um lauto jantar, o nosso prestante amigo, e digno cavalheiro, o sr. Paulo Quaresma. Presidiu a elle o ex.mo sr. conselheiro Augusto de Castro, sendo convivas sua ex.ma esposa e filhos, os srs. dr. Alves Guimarães, delegado no Porto; dr. João Dias, capellão do 18, o reverendo prégador; Silva, de Salreu; João Joaquim Machado Junior, escrivão de fazenda d'Albergaria; Francisco de Magalhães, nosso estimado collega; e Mello Quaresma, e outros cavalheiros, cujos nomes nos não lembra, deixando de comparecer outros por motivo justificado, e muitas senhoras. Trocáram-se calorosos e enthusiasticos brindes ao *dessert*, e á noute houve animada *soirée*, porque a familia Paula Quaresma segue as briosas tradicções da sua casa na maneira altamente penhorante com que recebe as suas visitas.

Collação.—E' por estes dias collado na egreja do Troviscal, concelho d'Anadia, o nosso amigo, e respeitavel sacerdote, o sr. João da Silva Gomes, d'Ilhavo. Felicitamos a freguezia.

Explosão.—O pyrothechnico d'esta cidade o sr. José Henriques Baixinho soffreu hontem um desastre, que lhe podia ser fatal. Preparava elle e seu filho João um pouco de fogo de artificio, quando houve explosão, ficando o segundo ferido na cara e no braço, voando o telhado, e indo communicar-se o fogo á polvora que o sr. Alberto do Amaral tinha estendido a secar.

O prejuizo do sr. Baixinho anda por 30$000 reis.

As torres deram o signal de incendio, e as bombas dos voluntarios ainda chegaram a sahir. Quando porem se aproximavam do local do desastre, chegou-lhes communicação para recolherem.

Junta de inspecção.—A inspecção dos mancebos do concelho d'Aveiro hade ter logar no governo civil nos dias abaixo designados—Os da freguezia da Oliveirinha, no dia 1 de setembro proximo; os de Requeixo e Eixo, no dia 3; os de Nariz e Gloria, no dia 4; os de Eirol e Vera-Cruz, no dia 5; os de Cacia e Palhaça, no dia 6; e os de Arada e Esgueira, no dia 7.

Concelho d'Agueda:—Os mancebos da freguezia do Prestimo, no dia 3 de setembro; Agadão, Aguada de Baixo, Aguada de Cima e Barrô, no dia 4; os da freguezia d'Agueda, no dia 5; os de Vallongo e Macinhata, no dia 6; os de Recardães, Segadães, Travassó e Trofa, no dia 7; e os de Bellazaima, Castanheira, Espinhel, Lamas, Macieira e Ois da Ribeira, no dia 8 do mesmo.

Concelho de Estarreja:—Os mancebos das freguezias de Avanca e Canellas, no dia 10 de setembro; os de Fermelã, Salreu e Bunheiro, nos dias 11 e 12; os de Veiros e Beduido, no dia 13; os de Pardilhó, no dia 14 (isto por uma das juntas); e nos dias 12, 13 e 14, os da freguezia da Murtoza, pela outra junta.

Concelho de Ilhavo:—Nos dias 8, 10 e 11 de setembro proximo os mancebos d'esta freguezia.

Novenas.—Começaram hontem de tarde no templo do Coração de Jesus (antiga Sé), as piedosas novenas em honra do mesmo sagrado coração, cuja pomposa festividade ha-de realisar-se em 19 do corrente.

Estrellas cadentes.—N'estas noites calmas, que teem passado, as rutilantes estrellas teem *dançado* muito no espaço, mas na noite de hontem foi uma verdadeira *chuva*, apresentando um lindo e magestoso effeito a quéda d'esses luminosos *bolidos*.

Fructa.—Tem sido regularmente abastecido o nosso mercado. Os preços convidam o consumidor. Ha dias na semana em que as melancias entram ás carradas, vendendo-se já por preços convidativos.

Tempo.—Tem feito uns dias formosissimos e d'um calor pasmoso. Aveiro principia a despovoar-se em vista d'isso, porque, na verdade, houve tres dias em que o nordeste tornou a athmosphera suffocadora. Desde hontem, porém, o norte mandou-nos umas brisasinhas consoladoras, e d'este modo podemos suportar mais este ambiente torrido e abrasador.

Trabalho no mar.—Continua bom o mar. Produz pouco, e em differentes costas quasi nada—petinga miuda. A pouca sardinha que tem vindo ao mercado tem-se vendido por 1$800 réis e hoje está por 1$700.

Mercado de sal.—Como as marinhas tem agora produzido mais o genero está por 20$000 reis o antigo barco ou a medida 15.000 litros.

DIREITO DE PETIÇÃO

Continuamos a publicar os nomes dos signatarios da representação dirigida ao chefe do Estado, pedindo a conservação das irmãs hospitaleiras no hospital civil d'Aveiro.

Dr. José Narciso de Moraes Ferreira, proprietario e juiz de direito substituto.

D. Maria Marianna Pinheiro de Macedo.

D. Anna Emilia Pinheiro de Macedo.

D. Magdalena Pinheiro de Macedo.

Henrique da Cunha, escriptor publico e jornalista

D. Maria Antonia de Lemos Couceiro.

Padre João Luiz Ferreira, proprietario.

D. Maria Branco da Rocha Calisto.

D. Maria Carmina da Rocha Calisto.

Dionisio Candido Gomes, proprietario.

Ricardo José da Silva, proprietario e vereador.

Antonio Ferreira Pinto de Souza, empregado publico.

Padre João Emygdio Rodrigues da Costa.

Padre Manuel Simões Dias da Silva.

Antonio Marques da Costa, proprietario.

O reitor, Antonio d'Azevedo Maia.

Antonio Ferreira Pinto, proprietario.
Antonio Ferreira Pinto Junior, lavrdor.
José Soares Pinto de Carvalho, proprietario.
Antonia Augusta.
Antonio Silveira, pedreiro.
Padre Manuel de Pinho d'Almeida e Cruz.
Joaquim Dias Pedro, lavrador.
Antonio José d'Oliveira, proprietario.
José Antonio da Silva, lavrador.
Rosa Albertina da Silva, costureira.
João de Sousa Pinto, carpinteiro.
Joaquim Pinto, sapateiro.
Domingos de Oliveira Tavares, lavrador.
Joaquim d'Almeida Tavares, lavrador.
Manuel João d'Oliveira, lavrador.
Padre Manuel José Valente.
José Rodrigues, proprietario.
José da Silva, operario.
Manuel Pinto, lavrador.
Lourenço da Silva, lavrador.
José dos Santos, moleiro.
Manuel da Silva Javardo, carpinteiro.
Joaquim Marques d'Oliveira Ribeiro, proprietario.
Manuel Ferreira Pinto de Carvalho, proprietario.
Manuel Pinto de Carvalho, proprietario.
Joaquim Manuel Ferreira Pinto, proprietario.
Antonio Augusto da Silva Lopes, proprietario.
Padre Francisco Alves de Rezende,
Manuel da Silva Tavares, parocho encommendado de Santa Maria d'Ul.
Joaquim Maria Henriques da Silva Garganta, proprietario.
João Maria Ferreira da Silva, artista.
João Agostinho Tavares da Silva, lavrador.
Manuel Joaquim Tavares da Silva, lavrador.
Fernando C. de Jesus, carpinteiro.
José Agostino Gonçalves, lavrador.
Antonio Valente da Fonseca, lavrador.
Padre Manuel Pereira de Pinho.
Francisco da Silva Bandeira, lavrador.
Manuel Joaquim Valente d'Oliveira, proprietario.
Antonio da Silva Brandão, proprietario.
Antonio José Henriques, lavrador.
Manuel Joaquim Affonso da Silva, artista.
Victorino José Marques, estudante do curso superior.
Manuel Joaquim Marques, lavrador.
Luiz Antonio Tavares da Silva, artista.
Mathias José Valente da Costa, artista.
Padre Manuel Lourenço de Pinho.
Manuel Joaquim Marques Pires, lavrador.
Manuel Custodio da Silva Ruivo,
João José Nunes Affonso, artista.
João Maria Henriques Pereira, artista.
João Maria Garganta, artista.
Francisco de Sousa Garganta, lavrador.
Francisco Joaquim Marques, lavrador.
João Maria Rodrigues, lavrador.
Manuel José Fernandes, lavrador.
Manuel José Antão d'Oliveira, lavrador.
Padre Domingos José dos Reis Junior.
Antonio Maria Valente, proprietario.
Antonio Joaquim d'Oliveira, lavrador.
Francisco Joaquim Marques Pires, proprietario.
Agostinho Marques Traqueia, lavrador.
Agostinho Maria Pereira de Sousa, lavrador.
Manuel José Vaz Pereira, lavrador.
José Vaz d'Oliveira, lavrador.
Antonio Joaquim da Silva, proprietario.
Manuel José Vaz d'Oliveira, lavrador.
Padre Domingos José dos Reis.
Ildefonso Antonio Antão, proprietario.
José Agostinho d'Oliveira, lavrador.
Antonio Luiz Pereira e Souza, proprietario.
José Maria Marques, lavrador.
João José Antão Marques, proprietario.
Manuel Joaquim Pereira da Silva, lavrador.
João Maria Pires, artista.
João Maria Garganta, lavrador.
Francisco Lourenço Affonso d'Oliveira, proprietario.
Albino Fernandes, lavrador.
Manuel Francisco Ladeira, lavrador.
Manuel Nunes d'Arede, pedreiro.
José Ribeiro de Bastos, lavrador.
João Fernandes Seixo, lavrador.
Manuel Tavares Nogueira da Silva, proprietario.
Antonio Gonçalves da Cruz, proprietario.
Manuel Fernandes Monteiro, lavrador.
Manuel Rodrigues Varanda, lavrador.
Manuel d'Araujo Mendonça, lavrador.
Jorge de Bastos Ferreira, sapateiro.
Luiz Maria da Silva Ramos Povoa, proprietario.
Antonio Duarte Araujo lavrador.
Padre Joaquim Pereira e Pinho.
Manuel Pereira Valente, proprietario.
Domingos Valente de Pinho, proprietario.
Manuel José de Rezende, artista.
Joaquim de Mattos e Silva, lavrador.
Francisco Dias, lavrador.
José Joaquim dos Reis Junior, lavrador.
Antonio Alberto de Pinho Nogueira, lavrador.
Antonio José de Rezende, artista.

Antonio Alberto da Fonseca, lavrador.
Maria de Mattos.
Maria de Jesus da Silva.
Anna Rosa de Jesus.
Maria de Jesus de Rezende.
José Maria Pereira da Silva, negociante.
Manuel José da Trindade, proprietario e vogal da junta de parochia.
Joaquim Dias Ferreira, artista.
Antonio Borges de Pinho, artista.
Manuel d'Almeida, proprietario.
Manuel d'Almeida Pinto, artista.
José Maria da Silva de Mattos, proprietario.
José Rodrigues, artista.
Manuel José Borges, artista.
José de Pinho, artista.
José da Silva Trindade, proprietario.
Manuel d'Oliveira Duarte, proprietario.
Antonio Pereira de Pinho, proprietario.
Joaquim da Silva Graça, proprietario.
Manuel da Silva Affreixo, proprietario.
Antonio Lopes da Silva, proprietario.
João da Silva Gabriel, proprietario.
Antonio Francisco lavrador.
Joaquim Francisco Ladeira, lavrador.
Joaquim Nogueira, lavrador.
Manuel Rodrigues de Figueiredo, lavrador.
João Ferreira da Cal, lavrador.
José Ferreira da Cal, lavrador.
Agostinho Ferreira da Cal Figueiredo, lavrador.
Antonio Nunes Pinhão, pedreiro.
Manuel João de Bastos, lavrador.
Alipio Ferreira, caiador.
Manuel Nunes Monteiro, sub-diacono.
Antonio Nunes Nogueira da Silva, proprietario.
João Affonso da Silva, proprietario.
João d'Oliveira, artista.
Manuel Marques Traqueia Junior, proprietario e maior contribuinte.
Manuel Dias Affonso, lavrador.
Antonio Dias Affonso, lavrador.
Padre João Marques da Silva.
Joaquim Marques Traqueia, lavrador.
Manuel Dias Affonso Junior, lavrador.
José Marques, lavrador.
José Dias Affonso, lavrador.
D. Maria do Patrocinio Netto Conde.
Antonio Augusto da Costa Mortagua, proprietario.
Manuel d'Almeida da Costa Mortagua, lavrador.
Padre Domingos Rodrigues Garrido.
D. Maria Celestina Soares Sotto Maior.
Sebastião Pereira da Cunha Sotto Maior, empregado publico.
Vasco Marques Valente, negociante, proprietario e capitalista.
D. Maria da Conceição Soares Valente.
Dr. Manuel Barbosa de Quadros, conservador e maior contribuinte.
O prior, Antonio Ferreira da Rocha.
Antonio Francisco Carvalhal, regedor.
Luiz Thomaz Coelho Estima, proprietario.
José Francisco Saraiva, carpinteiro.
Christovão de Jezus, proprietario.
José Henriques, proprietario.
Antonio de Barros Martins, lavrador.
Joaquim Pedro, lavrador.
José Francisco Marques, proprietario.
Caetano Pinto da Silva Branco, lavrador.
José Marques dos Santos, lavrador.
Agostinho Ferreira, negociante.
Roza Angelica de Lima, proprietaria.
Lucinda de Vasconcellos Soares, directora de meninas.
Diolinda de Vasconcellos Soares, directora de meninas.
Manuel Marques Pelicano, lavrador.
Manuel d'Arede Coelho, carpinteiro.
Antonio Joaquim Tavares Coelho, lavrador.
Antonio Coelho Estima, proprietario.
José Joaquim Coelho, lavrador.
Manuel de Mattos, lavrador.
Manuel de Mattos Pires, lavrador.
Luiz Augusto Marques, proprietario.
Alfredo Coelho Estima, lavrador.
Manuel Balthazar dos Santos, lavrador.
Emilio Saraiva Novo, lavrador.
Julio Saraiva Novo, lavrador.
José d'Almeida, lavrador.
Alberto de Pinho, pregueiro.
João Pinto Branco, negociante.
Manuel d'Almeida Florentino, jornaleiro.
João da Costa Rebello, jornaleiro.
Joaquim Ferreira Duarte, jornaleiro.
João Abilio Antonio Luiz, proprietario.
Antonio Ferreira de Mattos, negociante.
José Maria Branha, negociante.
Manuel Caetano Junior, trabalhador.
Luiz Marques Pelicano, ferreiro.
Joaquim Marques Pindello, jornaleiro.
Joaquim de Pinho, lavrador.
José Rodrigues da Cruz, lavrador.
Fortunato Rachinha, lavrador.
Manuel Ferreira Duarte, trabalhador.
José da Cruz, lavrador.
José Saraiva da Costa, jornaleiro.
Padre Antonio Rodrigues de Pinho.
José Gomes Ladeira, estudante de curso superior.
Roza de Jesus Santos.
Padre Bernardo José da Silva Ferreira.
Manuel Nunes Monteiro, escrivão e tabellião.
José Francisco Gegi, industrial.
João Nunes da Silva, lavrador.
Manuel Nunes da Silva, lavrador,

Adelino Nogueira da Silva. proprietario.
Manuel Nogueira da Silva, professor publico.
O prior, José Lopes Corrêa.
João de Bastos Ferreira, pedreiro.
José Dias da Costa, proprietario.
Cypriano de Bastos Portella, pedreiro.
José da Silva, carpinteiro.
Joaquim de Bastos Portella, pedreiro.
Joaquim Augusto Dias Arede, proprietario.
Sebastião Ferreira, lavrador.
Joaquim Duarte Araujo, lavrador.
José Nunes de Arede, pedreiro.
José Nunes, lavrador.
Padre José Alberto da Fonseca.
Manuel Francisco, lavrador.
Luiz Domingos, lavrador.
Antonio F. de Bastos, lavrador.
Gabriel Dias da Costa, lavrador.
José Agostinho, alfaiate.
João Joaquim da Silva, proprietario.
José Duarte da Silva, lavrador.
Antonio Nogueira da Silva, lavrador.
Antonio Nunes Monteiro, estudante de curso superior.
José Duarte Araujo, proprietario.
João José Nunes Lomba, proprietario.
D. Maria Luciana das Neves Pires.
Sebastião de Moraes Ferreira, juiz ordinario.
Antonio d'Oliveira Martins, proprietario.
D. Rita Emilia de Moraes Ferreira.
Manuel d'Oliveira Valente, proprietario e presidente de junta de parochia.
Dr. José Maria de Sá Fernandes, proprietario.
Fructuoso Lopes Rodrigues.
D. Leocadia Carolina de Carvalho.
Nicolau José Rodrigues Braga, escrivão de julgado.
D. Rita Margarida d'Oliveira Patricio.
Domingos de Mattos e Silva, professor official.
Domingos da Silva Pinto, proprietario.
Joaquim da Silva de Mattos, proprietario e vogal da junta de parochia.
Bento Marques Guerra, proprietario.
João Martins d'Oliveira, proprietario.
Joaquim José de Pinho, proprietario.
Francisco José de Rezende, proprietario.
José Manuel da Fonseca, proprietario.
Manuel Valente da Silva, artista.
José Soares Campo, proprietario.
José Luiz Veiga, proprietario.
João José da Cunha de Rezende, proprietario.
Antonio Martins d'Oliveira, proprietario.

(Continua.)

HYDRAULICA AGRICOLA

Sob este titulo, diz o *Diario Popular*, publicava hontem o nosso collega *Novidades* um importante artigo, em que nos revela o proximo commettimento de algumas obras hydraulicas de incontestavel alcance economico e agricola, e que o paiz agradecerá com jubilo e reconhecimento á potente iniciativa do sr. ministro das obras publicas. Effectivamente, se os agricultores podessem melhor conhecer das necessidades da sua industria, tendo mais nitida noção dos factores que entram no complexo problema que ás cegas e tumultuariamente pretendem resolver; se elles comprehendessem que debalde se procurará exigir da severa protecção pautal os elementos senão de prosperidade pelo menos de mediania para a agricultura nacional; os synedrios, os congressos, as ligas, os representantes, em summa, mais ou menos authenticos dos agricultores portuguezes, não se teriam perdido em pertinazes absurdos e flagrantes contrasensos, e teriam poupado ás outras classes da sociedade portugueza o desgosto de estarem ha tanto tempo assistindo ao desconsolador espectaculo d'uma classe numerosa e prestante, laboriosa e boa na sua grande maioria, debatendo-se nas torturas d'uma crise prolongada, mas não sabendo, não procurando estudar nem inquerir dos meios efficazes, seguros, racionaes e justos, que possam contribuir para conjurar essa crise.

Immobilisada detraz da protecção pautal, afferrada á sua idéa fixa, sua ou alheia, mas perfilhada com egual insania; a agricultura nacional só deseja e só reclama a elevação dos direitos sobre o trigo estrangeiro, como fonte perenne e bastante para a prosperidade que antevê nos desvarios das suas illusões.

Ora a protecção pautal para as industrias não é, não póde ser, não deve ser, senão o auxilio transitorio prestado pelo estado á custa das outras industrias e das classes que as exercem, emquanto aquellas, as protegidas, não adquirem condições de vida propria, se desenvolvem e medram, aperfeiçoam e apprestam para a lucta, que é condição de vida geral. Portanto, mais bem avisados andariam os agricultoras, mais uteis conselhos lhes dariam os advogados e os medicos, chamados ou offerecidos para salvarem a agricultura, se todos se compenetrassem das verdades mais de uma vez expendidas e sempre obliteradas pela classe agricola ou por quem devida ou indevidamente se diz represental-a, e que com tanta lucidez ainda agora se nos deparam no artigo do nosso collega *Novidades*, alguns periodos do qual vamos transcrever:

«Pois bastava attentar no que se passava na Inglaterra, na Italia, e principalmente na Suissa, para reconhecer que se não alcança a prosperidade de um paiz, fomentando devidamente a sua riqueza, sem o cuidado aproveitamento das suas aguas, applicando-as a irrigaçõas convenientes e methodicas. E' graças a esses cuidados, que, na Lombardia, os prados de *marcita*, —que correspondem aos nossos lameiros do norte do paiz,—estão dando oito, nove, e mais cortes de herva por anno, arrendando-se de 300 a 600 liras por hectare (48$000 a 96$000 rs.) E' por ter tido na devida conta esse grande elemento de prosperidade, que a Inglaterra excede hoje quasi todas as nações na cultura das plantas forraginosas. A importancia ali ancançada por esta cultura resalta nitidamente, para quem nos ler, do seguinte calculo d'uma eloquencia perfeita, que encontramos n'uma memoria do illustre engenheiro Bento de Almeida de Eça:

A Inglaterra sustenta hoje 8 milhões de cabeças de gado grosso, e a França 10; porém, com 8 milhões de cabeças em 30 milhões de hactares produz a agricultura britannica 500 milhões de kilogrammas de carne; emquanto a França com 40 milhões de cabeças em 49 milhões de hectares, só produz 400 milhões de kilogramas.»

Felizmente parece terminado o indifferentismo que trazia o nosso paiz alheiado a este grande movimento renovador e fertilisador do solo. O snr. ministro das obras publicas que, tem imprimido no seu ministerio um fortissimo movimento revolucionador; que estuda com afinco todos os problemas que directamente prendem com a sua acção governativa, que tem na superioridade da sua intelligencia a força consciente d'uma direcção poderosa e acertada; que sabe esteiar-se na consciencia do seu dever para seguir sereno por sobre os enredos d'uns trampolas conhecidos, e por sobre as calumnias d'uns melquetrefes, que a seu tempo desfarão com o focinho as urdiduras villãs do seu despeito rancoroso, —o sr. ministro das obras publicas, diziamos, iniciou, por um despacho recente, uma serie de melhoramentos que constituirão uma das mais duradouras demonstrações da sua rasgada iniciativa.

Tres são os projectos que o illustre ministro pensa em executar e bastará expôl-os para que se lhes meça o valor:

O primeiro é uma albufeira na ribeira de Seda, junto a Aviz;

O segundo a canalisação do Sorraia;

O terceiro, um grande canal de irrigação de Azambuja a Rio Maior.

O primeiro d'estes grandiosos melhoramentos de hydraulica agricola, tem já ordem para começo de execução, tendo dado sobre elle um parecer verdadeiramente enthusiastico e patriotico, a junta consultiva de obras publicas, quando lhe foi presente. Com effeito, a albufeira que se projecta será a mais importante da Europa.

O segundo a canalisação do Sorraia, não será tambem obra de somenos importancia. Todos os campos marginaes serão com ella profundamente modificados na sua producção. As condições climatogicas d'essa região alterar-se-hão completamente. A constituição dos climas depende essencialmente da latitude, é certo. Mas todos sabem como essa constituição se modifica pela attitude, pela exposição, pela qualidade do solo, e, principalmente, pela maior ou menor proximidade de grandes massas de agua.

Dentro de pouco tempo vae ser posto em praça este projecto.

A respeito do terceiro,—o grande canal de irrigação da Azambuja a Rio Maior, mandou-se já rectificar com urgencia o paojecto feito por um engenheiro francez. Muitos milhares de hectares de terrenos, que hoje não teem agua, vão aproveitar-se a fertilisar-se; por isso logo que se faça este estudo, que foi incumbido ao sr. Adslpho Loureiro, será mandado executar sem demora.»

A EMANCIPAÇÃO NO BRAZIL

COMMENDADOR FORTUNATO

O grande facto da libertação dos escravos no imperio sul-americano, elevando esse paiz á primeira plana das nações civilisadas, fôra antecipadamente impulsionado pela vigorosa iniciativa de muitos homens bemfazejos, no numero dos quaes entram portuguezes, de ha longo tempo havidos e tidos como ornamentos distinctos da nossa colonia, tão crescida e espalhada por todo o immenso territorio brazileiro.

As provincias do norte foram sem duvida as que mais se distinguiram n'essa brilhante cruzada, desde o Ceará aos confins do Amazonas, cabendo ao Pará, pelos clamores incessantes e doutrinarios da sua imprensa, um avultado quinhão nas honras concedidas aos benemeritos da emancipação.

O opulento e respeitavel negociante portuguez, sr. commendador Fortunato Alves de Sousa, que é ao mesmo tempo um fazendeiro intelligente e incansavel, foi um dos que zelosamente se antecipou á lei de 13 de maio, dando liberdade plena aos seus 52 escravos, em 23 de março do corrente anno, augmentando d'este modo a respeitabilidade, de que é dotado, e fornecendo aos seus amigos de Lisboa mais um motivo de grande satisfação.

Conhecemos de ha muito as qualidades d'esse nosso compatriota, e apraz-nos vel-o honrado e glorificado por nacionaes e estranhos, como ainda ha pouco aconteceu, segundo as ultimas informações, que acabamos de ler nos dois importantes orgãos da imprensa paraense, o *Diario de Noticias* e a *Provincia do Pará*.

Achando-se ancorada no porto d'esta cidade uma esquadrilha brazileira, sob o commando do almirante Wandenkolk, que era acompanhado pelo infante imperial D. Augusto de Saxe, resolveram os cavalheiros da primeira sociedade paraense, entre outros obsequios, proporcionar-lhes um passeio fluvial, com jantar sumptuoso e baile, a bordo do vapor *Trombeta*, precedendo uma visita especial á fazenda agricola e industrial do sr. commendador Fortunato, a quem se desejava dar uma prova de suprema consideração.

Esse festejo significativo realisou-se no dia 20 do mez passado, com uma notavel magnificencia, segundo relatam os nossos collegas paraenses, de um dos quaes extractamos os periodos seguintes:

«Repleto de convidados, entre os quaes se notavam representantes do que temos de mais elevado e selecto em a nossa sociedade, partiu o vapor *Trombeta* do trapiche da imprensa, em direcção ao engenho *Cafezal*, de propriedade do sr. commendador Fortunato Alves de Sousa, onde chegou ás 10 horas da manhã.

N'essa aprazivel vivenda, galhardamente preparada para receber os convidados, foram os passeantes recebidos com girandolas de foguetes e uma salva de 19 tiros; e surprehendidos com um lauto *lunch*, manifestando-se assim mais uma vez a proverbial fidalguia do honrado sr. commendador Fortunato.

O sr. almirante Wandelkolk, Sua Alteza o sr. D. Augusto de Saxe, os srs. commandantes Manhães, Castro e Guedes, secretario da divisão, 1.° tenente Pedro Velloso, foram alvo da mais carinhosa hospitalidade, manifestando-se penhoradissimos.

Fazia as honras da recepção no *Cafezal* o sr. Fortunato Junior, consul do imperio austro-hungaro, com aquella fina cortezia que lhe é peculiar, proporcionando aos convidados o maior conforto possivel.

A musica do instituto *Providencia* deleitava os convidados com o seu magnifico reportorio; e depois de duas horas de dança na mais amavel cordealidade, voltaram os convidados para bordo do *Trombeta*, onde os aguardava o banquete profusamente servido.

Além do que fica dito, resta accentuar a maneira como o nosso compatriota foi saudado pelos seus illustres hospedes, que lhe triburam os respeitos devidos a um cidadão veneravel, por suas virtudes civicas e particulares, na phrase conceituosa que tiramos dos respectivos brindes.

A nós orgulham-nos sempre as honras tributadas a esses homens de vontade firme e caracter inquebrantavel, que moirejam fóra da patria, dando-lhe o lustre das suas acções, e engrandecendo-a, ao engrandecerem-se a si proprios.

E' por isso que juntamos os nossos applausos aos d'aquelles, que tão bizarramente se agruparam para honrar o nosso venerando compatriota.

NOTICIAS DIVERSAS

Commissão de matrizes.—Foi nomeado para dirigir a inspecção de matrizes no districto do Porto, o sr. Antonio Augusto Mattos Sarmento de Beja, muito digno inspector de fazenda de 1.ª classe. Esta nomeação não podia ser mais acertada, por quanto o zelo de tão distincto funccionario pelas coisas da fazenda publica tem-se evidenciado em todos os districtos, onde s. ex.ª tem dirigido o serviço fazendario.

A morte d'um milionario.—Falleceu em Guimarães o sr. Antonio Fernandes d'Araujo, que lega uma fortuna superior a tres mil contos. O seu testamento é abundante de legados pios a differentes estabelecimentos de caridade.

Transcripções.—São de nosso collega *Jornal do Povo*, d'Oliveira d'Azemeis, as seguintes noticias:

Facada.—Na freguezia de Macieira de Sarnes, d'este concelho, houve, na noite de 4, uma grande desordem entre Francisco Antonio Correia e José Cera, recebendo este uma facada no baixo ventre. O Francisco Antonio Correia é já bem conhecido pelas suas proezas de pimpão, o que já por diversas vezes lhe tem custado caro; pois tem apanhado taes dozes de pancada em algumas desordens provocadas por elle, que já por duas vezes o julgaram morto. A auctoridade administrativa procede a averiguações, no intuito de fazer punir o criminoso.

Da nossa carteira.—Chegaram a esta villa, onde vêem passar as presentes ferias, os estudantes de preparatorios, srs. Antonio Ferreira Alegria e Amadeu Ferreira Alegria, filhos do nosso amigo o sr. Antonio José Ferreira Alegria.

— Regressaram hontem á sua casa d'esta villa, vindos de Luzo, onde estiveram a uzo de banhos, o nosso dilecto amigo e integerrimo presidente da camara municipal, sr. dr. Francisco Albano Amador Pinto Valente e sua ex.ma esposa.

— Chegou ante-hontem a esta villa a sr.ª D. Leopoldina Pinto Basto de Carvalho, esposa do distincto engenheiro civil e nosso presado amigo o sr. Antonio Maria Kopke de Carvalho. Esta nossa illustre con erranea, que a uma fina educação litteraria reune uma grande paixão pela musica, de que é cultora eximia, chegou ha dias de Salamanca, onde o seu grande talento musical e os seus grandes recursos vocaes foram altamente apreciados. A sr.ª D. Leopoldina tomou parte, n'aquella cidade hespanhola, juntamente com uma *troupe* de amadores distinctos, na *première* d'uma opera intitulada «Zahra» do maestro hespanhol Espino, poema de Lopes Alonso; e por tal fórma se houve no desempenho da romanza de Zahra, que os applausos rebentaram freneticos e calorosos, vendo-se a illustre amadora obrigada a repetir a formosa romanza por tres vezes a pedido da assistencia selecta e numerosa. E já que fallamos no triumpho alcançado pela distincta amadora, que teremos o prazer de ouvir no proximo domingo na nossa egreja matriz, não podemos furtar-nos ao desejo de trasladar para o nosso modesto jornal as impressões de um *diletantti* que assistiu á primeira audição da opera «Zahra», e que encontramos publicadas n'um collega de Salamanca—*El Fomento*.

As phrases que os nossos leitores vão lêr são as que se referem á sr.ª D. Leopoldina, a quem o escriptor hespanhol chama señora de Carvalho:

. . . . . .

La señora de Carvalho fraseó la romanza de Zahra (que es un prodigio de música oriental, una filigrana cordobesa, un arabesco más primoroso que todos los de la Alhambra), con una delicadeza tan admirable, un sentimiento tan exquisito y tal perfeccion de matices, que el publico, encantado por la magia de aquella voz prodigiosa, la hizo repetir tres veces, coronando en todas el final con salvas repetidas de entusiastas aplausos.

Al escuchar las frases que en correcto castellano brotaban de los labios de la dama portuguesa, exornadas con los primores de su estilo purisimo y moduladas en la notas de la admirable musica de Espino, no pude menos de acariciar, entre mis ideales, el de que para el arte no existan fronteras y que, por encima de ese valladar de las nacionalidades que nos separa de nuestros vecinos de allende el Duero, el arte lusitano y el arte español se fundan en el crisol de un sincero entusiasmo. Reciba la ilustre dama portuguesa el respetuosa homenaje de la galanteria castellana, en estas pocas lineas, escritas cuando la emocion producida por su canto está aun reciente en el alma de quien las traza.

O chronista hespanhol prestou inteira homenagem ao brilhante talento da nossa compatriota, que é sem duvida alguma uma das amadoras mais distinctas do nosso paiz.

As nossas cordeaes felicitações e boas vindas á que pelo seu peregrino talento dá honra á terra que lhe foi berço.

— Partiram para Mondaiz onde foram visitar as sr.as D. Margarida Ferreira Pinto e suas sobrinhas, a sr.ª D. Anna Ferreira Pinto e suas sobrinhas as sr.as D. Lodovina Ferreira Lima e D. Olivia Ferreira da Costa e seu marido o nosso amigo o sr. Francisco Costa.

— Chegou hontem de Maceda o sr. Francisco Olympio da Fonseca, que veio passar os festejos de La Salette, em companhia de sua familia.

Desordens.—Hontem, cerca das 10 horas da noite, foi brutalmente aggredido, no Largo Municipal, o caixeiro do sr. Antonio José da Silva Guimarães, d'esta villa, sr. Rufino Leite Ribeiro, um pobre rapaz que gosa de goraes sympathias e que é incapaz de offender o mais simples mortal.

O aggressor foi José Raymundo Junior, useiro e veseiro em taes gentilezas, que, apanhando o sr. Rufino completamente desarmado, puxou de um boxer, fazendo-lhe alguns ferimentos na cabeça e no olho esquerdo. O sr. Rufino, depois de ferido chegou a levar o desordeiro de encontro a um dos bancos de ferro, que estão no largo, e teria dado uma lição severa a esse desordeiro se não fôra a intervenção d'algumas pessoas que passavam na occasião. Ao sr. delegado da comarca e ao sr. administrador d'este concelho ousamos pedir as mais energicas providencias e o mais rigoroso castigo para esse homem indigno da sociedade, em cujo seio constitue um constante perigo. O crime tornou-se publico; pois houve grande derramamento de sangue. Por todo o concelho os desordeiros andam desaforados, escudados na impunidade. Ainda uma d'estas noites um individuo, indo apartar uma desordem proximo á praça d'esta villa, foi ferido no rosto por um desordeiro com uma thesoura. Estão succedendo diariamente d'estes desacatos e o poder judicial, em logar de castigar os discolos, deixa dormir nos cartorios dezenas de policias que já ha muito deviam ter sido julgadas, mas que o não tem sido não sabemos porque motivos. Isto não póde continuar assim; e se continuar o poder judicial será o unico responsavel pelo que succeder e não o poder administrativo, que tem cumprido com o seu dever. A bem da moralidade publica pedimos energicas providencias para o que se está passando no nosso concelho. Castigem-se os inquietadores do socego publico, mas castiguem-se severamente; não se lhe deem penas de que elles, os miseraveis que nada teem que perder, se vão rir em cima como por differentes vezes tem succedido.

Arborisação da serra da Estrella.—No *Districto da Guarda*, lê-se o seguinte:

Vae realisar-se esse importantissimo melhoramento, que fará de serros escalvados e nús bosques aprasiveis, de rica producção e amenissimas sombras.

A serra da Estrella vae em breve ser arborisada, é essa a grata nova que podemos transmittir aos habitantes da Beira Baixa. Teremos, por consequencia, a trecho mais ou menos longiquo, uma transformação radical nos celebrados Herminios.

Ha-de, no futuro, a extensa e pittoresca encumiada, que se alonga pelos districtos beirões, ser o ponto achado para a estação do touriste para o sanatorio do phtysico, para a veraneação de tantos que procuram, nas maiores e mais assombradas imminencias, o ar puro, rarefeito e oxigenado, que lhes falta na profundidade dos valles.

E, quando concluida a estrada entre Gouveia e Manteigas, que tem de atravessar o erriçado dorso da serra, ninguem terá duvida em visitar um dos pontos mais dignas de exame da nossa pequena nação.

E esse melhoramento excepcional, essa transformação preciosa e posta em duvida por muitos, será devida ao notavel ministro, que tanto se tem esforçado pelo adiantamento da viação publica, e agora vae ordenar a arborisação da serra da Estrella, pondo assim digno remate ao seu curioso estudo sobre a maior e mais importante montanha do continente portuguez. Bem haja, pois, o sr. conselheiro Navarro por mais este serviço prestado á Beira Baixa. Bem hajam tambem aquelles que, na devida escala burocratica, o vão coadjuvando n'esta obra de perfeita benemerencia.

Despachos de correios e telegraphos.—Verificaram-se os seguintes:

Abilio Pereira da Silva, exonerado do logar de encarregado da estação de 5.ª classe em Castanheira de Pera e nomeado chefe da estação de 4.ª classe em Pedrogão Grande.

Jacintho Alves Callado, nomeado encarregado da estação de 5.ª classe em Castanheira de Pera, districto de Leiria.

Antonio Thuribio da Silva, aspirante auxiliar do quadro para o serviço dos correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na direcção telegrapho-postal de Villa Real, promovido, por antiguidade, ao logar de 2.° aspirante do referido quadro.

Carlos Joaquim Alves, nomeado chefe da estação de 4.° classe em Arruda dos Vinhos.

Francisco de Assis Tavares Fraga, idem, em Penalva do Castello.

Antonio Lobo de Almada Negreiros, ajudante da direcção telegrapho-postal de Beja, nomeado chefe da estação de 4.ª classe em Monchique.

Beatriz da Soledade Peres, ajudante supranumeraria, promovida ao logar de ajudante effectiva da estação urbana de Algés.

Anna Candida da Encarnação e Silva, ajudante supranumeraria da direcção telegrapho-postal de Evora, promovida ao logar de ajudante effectiva, com exercicio na mesma direcção.

Manuel Procopio de Carvalho, nomeado distribuidor rural do concelho de Ilhavo, districto de Aveiro.

Alberto Felix Cecilio dos Santos, nomeado aspirante supranumerario da administração dos correios e telegraphos de Lisboa.

João Baptista Tavares Pinho, idem.

Alfredo Agostinho Correia, idem.

Carlos Frederico Freitas Paes da Silva, idem.

Joaquim dos Reis Salema Caeiro, idem.

José de Almeida Angelo, nomeado guarda-fios supranumerario para o districto de Vizeu.

Augusto Braz da Costa, 2.° aspirante chefe da estação de Extremoz, suspenso de exercicio e vencimento a contar de 29 de julho ultimo, por ter sido encontrado em alcance para com a fazenda publica.

Francisco de Assis Antonio da Silveira, 2.° aspirante do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na direcção telegrapho-postal de Evora, e João Manuel Alves Teixeira Junior, aspirante de egual cathegoria do quadro de telegraphos da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, auctorisados a permutar os respectivos quadros e collocações, como requereram.

Antonio Maria Trancoso, ajudante da estação urbana do Campo Grande, transferido, por conveniencia de serviço, para a estação urbana de Lapa.

Ollegario da Costa, ajudante da estação urbana da Mouraria, transferido para a estação urbana de Campo Grande.

Alfredo Lopes Patricio, 2.° aspirante, demittido, por não convir ao serviço, do cargo de chefe da estação da Gollegã e collocado na direcção telegrapho-postal de Santarem.

Joaquim Gregorio Tavares, 2.° aspirante com exercicio na direcção de Santarem, transferido para a estação da Gollegã, na qualidade de chefe.

Antonio Joaquim Maduro, 1.° aspirante do quadro de telegraphos da administração de Lisboa, e João Pires, aspirante de egual cathegoria do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, com exercicio na direcção telegrapho-postal de Portalegre, auctorisados a permutar os respectivos quadros e collocações, como requereram.

Ernesto Candido da Fonseca, 2.° aspirante do quadro de telegraphos da administração do Porto, e Julio Hemiterio de Carvalho, aspirante de egual cathegoria do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, chefe da estação de Alcobaça, auctorisados a permutar os respectivos quadros e collocações, como requereram.

NOVAS DE LONGE

As visitas do imperador da Allemanha.—Segundo a versão franceza, o imperador Guilherme II não deve ter ficado satisfeito com a sua visita a Copenhague, visita a que o correspondente de Berlim do *Daily-Telegraph* chamou *experiencia*.

No dia da chegada—conta um informador francez,—a policia guarneceu o caes de Toldbold, onde os soberanos deviam desembarcar, para conservar o povo desviado d'um mais que modesto pavilhão, que n'esse caes fôra erigido á pressa. O tempo estava pessimo. Entre o povo havia um grande numero de allemães, mandados de Kiel e de Hamburgo, em comboios a preços fabulosamente reduzidos, para acclamarem o seu imperador.

Depois de desembarcar, Guilherme II entrou para um caleche descoberto com o rei Christiano. Durante o trajecto, os dois monarehas não trocaram uma só palavra. O caleche ia cercado e seguido por um piquete de hussards da guarda. Logo á saida do caes, ouviram-se assobios e apupos; os allemães começaram a dar vivas, mas os circumstantes obrigaram-n'os, com ameaças, a metter o enthusiasmo no buxo. No canto de Fredericiagade os assobios recrudesceram e tornaram-se ensurdecedores; o imperador, muito vermelho, mordia o bigode louro.

Tendo chegado a Copenhague ás 11 horas e meia da manhã, Guilherme II tornou a embarcar ás 11 da noite, e a esquadra allemã faz-se ao largo ás 3 horas da manhã.

*

Como é natural, foi bem differente a recepção que o imperador teve em Friedrichsruhe, dominios do principe de Bismarck; apesar de ser meia noite, a estação estava apinhada d'uma multidão festiva, que acompanhou o monarcha por baixo d'arcos de triumpho até ao palacio do chanceller.

Chegado ahi, Guilherme recolheu-se logo; mas no dia seguinte ás 7 horas da manhã estava já em conferencia com Bismarck. A's 9 horas foi ter com elles o conde de Herberto, e a conferencia prolongou-se até quasi ao meio dia. Diz-se que quando sairam para almoçar, os tres personagens pareciam satisfeitissimos.

Ao jantar assistiram, além do imperador e do principe de Bismarck, o conde e a condessa Rantzau, o conde Herbert, o general de Wittich, o marechal de Lyncker, o major Kessel e o capitão de Seckendorff, ajudantes de campo, o doutor Leuthold, o conselheiro de Kiderlin-Wachter e o *chefe da cifra* Willish. O *menu* era singelissimo: *bisque*, salmão, peito de vacca, feijões verdes com arenques frescos, costelletas de cordeiro, frangos, patos, salada de pepino, queijo e neve, vinhos de Moselle e do Rheno.

A' sobremeza, o chanceller brindou pelo filho recemnascido do imperador, cuja presença á sua meza agra-

deceu. Guilherme correspondeu ao brinde, bebendo á saude do filho segundo do chanceller, que fazia annos n'aquelle dia.

Acabado o jantar, o imperador seguiu para Potsdam.

Conta-se que, a proposito d'esta visita, um diplomata estrangeiro disse:—S. M. foi apresentar o seu relatorio!

Jubileu de Leão XIII.—O ultimo periodo das festas do jubileu de Sua Santidade começará no proximo mez, inaugurando-se uma série de novas peregrinações, que continuarão até ao fim do anno, epocha em que o soberano pontifice coroará as referidas festas de fé e piedade filial, com a solemne beatificação dos martyres Perboyre e Chanel e do veneravel Ancina, um dos primeiros discipulos e dos mais ficis imitadores de S. Filippe Nery.

Bom exemplo religioso.—O ministro do fomento, de Hespanha, foi a Sevilha para combinar o melhor modo de reparar a famosa basilica que se acha em estado de ruina. Houve uma grande reunião, que assistiram cerca de 800 pessoas. O ministro ordenou que principiassem já as obras de reparação, averbando o governo os gastos urgentes com 30:000 pesetas, 5 contos e quatrocentos mil réis. Decidiu-se abrir uma grande subscripção, pois calculam-se em 54:000$000 réis as despezas totaes.

Os conegos declararam que cediam os seus honorarios e, se tanto fossse necessario, trabalhariam, como simples operarios, nas obras de reparação do grandioso templo, que é uma maravilha de arte christã e um dos mais ricos monumentos religiosos da Hespanha.

Importa saber.—A extrema esquerda da camara franceza pensa em emprehender uma violenta campanha contra as congrégações religiosas e o orçamento dos cultos, pedindo a separação da Egreja do Estado. O governo porem parece disposto a combater este pedido, convencido do mau effeito que produziria em França, nas vesperas d'uma eleição geral, uma reforma que offenderia gravemente o sentimento religioso da maioria dos francezes. Se tal se fizesse, essa reforma converter-se-hia n'uma arma de combate contra a republica.

Notavel.—O *Times*, dispende com os seus correspondentes em Paris, Berlim, Vienna, S. Petersburgo, Roma, Madrid, Bruxellas e Christiania, a importante somma de réis 62:895$000. Os ordenados são os seguintes:

O correspondente em Paris, reis 15:360$000, os de Berlim e Vienna, 12:480$000 reis cada um; o de S. Petersburgo, 9:600$000 reis; os de Roma e Madrid, 4:800$000 reis cada um; o de Bruxellas, 2:250$000 reis e o de Christiania, 1:125$000 reis.

Os outros correspondentes, em differentes terras, que são muitos, custam aproximadamente 50:000$000 rs.

O «Hohenzollern.»—O *Hohenzollern* é o navio de recreio em que o imperador da Allemanha, Guilherme II, foi ha pouco á Russia, e anda agora fazendo a sua viagem pela Suecia e Dinamarca. E' um navio magnifico, como se vê da descripção que d'elle faz um correspondente de Stockolmo para o *Petit Journal*. Diz assim:

Acabo de ter a felicidade de minuciosamente visitar o *Hohenzollern*, e como poucas pessoas teem esse privilegio, parece-me interessante dar-lhes uma descripção d'esse yacht imperial de que ultimamente tanto se tem fallado. O *Hohenzollern* é um vapor de rodas, d'aço, tendo de comprimento 86 metros e demandando 4 a 5 metros d'agua. A sua marcha ordinaria é de 16 nós por hora, mas pode attingir uma velocidade de 18 a 20 nós. E' pintado de preto com ricos ornatos de oiro. A prôa termina por uma aguia dourada, d'azas abertas, e á pôpa veem-se as armas de Hohenzollern com o colar da ordem da Aguia negra por baixo d'um sol nascente. As chaminés e os dois tambores das rodas são pintados de amarello, e tudo o que de ordinario n'um navio é d'aço, n'elle é de cobre. Cada mastro é encimado por uma corôa dourada. A disposição interna do yatch é muito bem disposta e torna este palacio fluctuante extremamente confortavel. Toda a ré é reservada aos salões e aposentos do imperador e sua comitiva. Sobre a ponte, um pavilhão bastante grande que serve de sala de fumar. As paredes são de nogueira da America e os moveis cobertos de seda ouro-velho. Em cada extremidade erguem-se dois grandes fogões de cobre com guarnições de prata que são aquecidos pelo vapor fornecido pela machina. Descendo a escada principal, está logo a sala de jantar reservada ao imperador. Occupa toda a largura do navio e pode facilmente conter vinte e quatro convivas. As paredes e moveis são de carvalho lavrado no velho estylo allemão; vinte e quatro serpentinas de bronze e dois lustres de dezoito lumes illuminam a sala. Em torno d'esta sala que é a maior do navio, veem-se, em *étageres*, magnificas peças de prata, vasos e candelabros ricamente cinzelados, outr'ora dados de presente ao principe Adelberto e que, por herança, pertencem hoje a Guilherme II.

A seguir á sala de jantar estão situados, d'um lado, os aposentos do imperador, compostos d'uma camara de dormir, d'um gabinete de trabalho, d'um gabinete de vestir e d'um quarto de banho; do outro lado os aposentos quasi identicos destinados á imperatriz. As outras peças, que são seis, teem todas destino especial e servem de aposentos e salas de jantar das damas de honor, dos dignatarios da corte e dos officiaes de bordo. No *Hohenzollern* ha tudo quanto se tem até hoje inventado para evitar sinistros. O navio é dividido em oito partes por espaçosos estanques destinados a isolar o navio no caso de se produzir qualquer veia d'agua sobre um ponto qualquer. Os salva vidas são seis, não contando uma canôa de quatorze remadores. Emfim, de todos os lados, se accumulam boias e os mais variados apparelhos de salvação.

Casamento de um salteador.—Refere o seguinte o *Tarik*, periodico de Constantinopla:

O terrivel Beit-Ullak, capitão de um numeroso bando de salteadores, celebrou o seu casamento com a formosa Aisca, nas immediações de Guelzeech. Assistiram á ceremonia todos os seus companheiros, armados até aos dentes, sem que as authoridades se atrevessem a perturbar a festa com a sua presença.

Durante o grande banquete, Beit-Ullak mandou uma carta ao *kaimakan*, pedindo-lhe houvesse por bem registrar o seu casamento, para que os filhos que houver de dar-lhe sua esposa sejam legitimos. Além d'isso, pedia na sua missiva o favor de que ao inserir o seu nome no registro, pozesse como profissão «capitão de salteadores».

E o mais curioso do caso é que o *kaimakan* seguiu á risca as instrucções de Beit-Ullah.

Horror á raça canina.—O governo da colonia ingleza de Victoria, na Australia, tem tanto terror á hxdrophia que não permitte a introducção de nenhum cão no territorio. Em Melbourne, cidade de tres mil habitantes, não ha um unico cão.

Não ha muito, uma actriz, ingleza de muita fama, misse Genevieve Ward, chegou a Melbourne, levando comsigo o seu cãosito favorito; não permittindo as auctoridades que o cão desembarcasse, a actriz negou-se tambem a desembarcar e annunciou a sua resolução formal de se ir embora no mesmo navio em que tinha vindo.

Houve desordens nas ruas, o povo impôz-se ao governo e obrigou-o a promulgar um decreto permittindo por excepção a entrada do cãosinho de miss Ward em Melbeurne, sob a responsabilidade da sua encantadora dona.

SECÇÃO LITTERARIA

TYPOS DA MINHA TERRA

O THOMÉ RONCA

I

O Thomé Ronca era um robusto pescador ilhavense, alto, musculoso, tranquillo e solidamente construido como um lutador romano. Tinha apenas vinte e oito annos e era já arraes d'uma companha. Conquistára este logar proeminente entre duzentos companheiros de trabalho, por actos d'um heroismo brutal e impertubavel.

Thomé Ronca tinha a força muscular de um athleta e a coragem impassivel d'um duellista. Nunca deixava de ir ao mar por mais ruim que elle estivesse, se não quando a sua companha se recusava terminantemente a seguil-o.

Tinha um syllogismo ácerca de naufragios; não acreditava n'elles, pela razão obvia de que, sendo o barco de tabuas e não indo as tabuas ao fundo, é claro que não ia ao fundo o barco. No inverno os pescadores de Ilhavo vão trabalhar para o Tejo, e, antes da abertura do caminho de ferro do norte, faziam a viagem a pé, em bandos, seguindo todo o littoral. Por occasião de uma d'essas viagens, o Thomé Ronca ao passar em Buarcos, viu um barco desarvorado e sem governo a 400 ou 500 metros da costa, em riscos de se despedaçar contra os rochedos que o cabo Mondego manda para o mar como raizes d'uma arvore enorme, e sem que ninguem se atravesse a accudir áquelles desgraçados, que faziam signaes de desespero e soltavam gritos afflictivos. Na praia ia uma confusão e um alarido indescriptiveis. Os homens praguejavam desordenadamente e as mulheres corriam desatinadas pela praia soltando gritos ululantes, que o vento e o forte sussurro das vagas confundiam e dispersavam no ar dando-lhes vibrações elegiacas e confrangentes.

Thomé Ronca aproximou-se do grupo mais numeroso dos homens com os olhos illuminados, e sentindo os arrepios sagrados do seu heroico enthusiasmo de homem do mar, clamou como um trovão para o grupo:

— Eh! almas do diabo! Então não ha ahi um raio do diabo que accuda áquella gente?

— Quem é que *lhe* ha-de accudir, com o ma· que faz? perguntaram os do grupo assomados e em tom de desespero.

—Quem *lh'*ha-de accudir?... Accudo-*lhe* eu, já que vocês, seus almas do diabo, nem para fiar na roca servem.

E ás ultimas palavras Thomé Ronca pegava na ponta d'uma corda, recommendava que lh'a fossem largando, e lançava-se ao mar com ella atravessada nos dentes.

Houve então dez minutos d'uma anciedade indescriptivel e oppressiva.

Na praia todo o alarido cessou como por encanto, e aquelles centenares de olhos estavam fixos n'um ponto, que as vagas ora encobriam ora balouçavam no dorso encrespado, mas que se aproximava constantemente do barco perdido! As mulheres sentiam as crispações do enthusiasmo religioso que as envolve na missa em dia de festa, quando os sons do orgão reboam como um côro de anjos pelas naves do templo, e aos homens parecia-lhes que o vento, que lhes revolvia os cabellos, lhes enchia o peito d'uma vida desconhecida e vigorosa.

A anciedade começava a ser afflictiva quando finalmente o Thomé Ronca, a alguns metros apenas do barco, atirou certeiro com a ponta da corda aos naufragos e continuou a nadar para elles. Na praia houve uma explosão triumphal de alegria e de enthusiasmo. As raparigas solteiras accudiu-lhes indistincta e confusamente á imaginação a ideia se o Thomé Ronca seria casado, e os homens sentiram uns vagos ciumes d'aquella intrepidez heroica.

O Thomé Ronca agarrou-se emfim ao barco, içou-se para dentro e d'ahi a um instante fez signal aos de terra para que puxassem.

Passados alguns minutos o barco estava varado na costa e salvos todos os tripulantes. O Thomé Ronca foi levado em triumpho até á primeira taberna, e ahi depois de mudar de roupa, bebeu socegadamente um vintem de aguardente e sobre um bocado de brôa meia canada de vinho.

Ficou como um rei, e d'ahi a duas horas seguia viagem para Lisboa tão indifferente e humilde como qualquer dos seus descalços companheiros.

Quando chegou a Lisboa começava então a germinar no cerebro do sr. José Silvestre Ribeiro a grandiosa idêa hoje realisada, da sociedade protectora dos animaes, nos quaes não se incluem os homens e particularmente os pescadores valentes.

D'outra vez o Thomé Ronca, já arraes, embirrou em querer ir ao mar, apesar da companha offerecer resistencia a isso por ver o mar muito picado. O Thomé Ronca conseguiu convencel-os despejando sobre elles toda a casta de injurias grossas, chamando-lhes mulherengos e exhibindo em tom de mofa o seu argumento predilecto: que o barco era de tabuas e que as tabuas não iam ao fundo. Lançou-se o barco ao mar, com mil diabos, entre um praguejar e um berreiro infernal.

Sabe-se que os barcos da costa de Ilhavo não tem leme nem apparelho para vela. A direcção é dada ao barco pelas cordas da propria rede que elle leva dentro. Na ida para o mar a ponta de uma das cordas fica bem amarrada em terra, e o arraes, que vae em pé á popa do barco, desenrola a corda á medida que este vae avançando, dando voltas com ella na bica da ré, quando o quer aguentar contra o impulso das vagas ou para as esperar á distancia medida por esta primeira corda, é a rede lançada ao mar, e, na volta para terra, é a segunda corda da rede, que serve, do mesmo modo que a primeira, de governo, tendo por ponto de apoio a propria rede, que fica ao largo, e que só é começada a puxar depois que o barco está encalhado em terra. O trabalho do arraes, o mais melindroso e o de mais responsabilidade, consiste em dar a tempo as voltas com a corda na bica da ré, sustentando o barco ou deixando-o avançar pelo impulso dos remos, segundo as exigencias da vaga.

N'aquelle dia o Thomé Ronca descuidou-se um segundo, não reparou bem n'uma onda, e, julgando-a menos puxada, deu apenas uma volta na bica. A onda, porém, foi temerosa, ergueu o barco a uma altura enorme, cavou-lhe á prôa um abysmo, para o qual o barco começou a resvalar, fazendo correr a laçada singela da bica.

O perigo era eminentissimo, porque a alguns metros de distancia erguia-se já outra vaga enorme, que rebentaria como um diluvio sobre o barco submergindo-o! O Thomé Ronca comprehendeu n'um lampejo o perigo da situação, agarrou a corda com toda a potencia dos seus musculos de bronze, por já não ter tempo de dar segunda laçada, e sustentou o barco no declive! A corda ainda resvalou alguns centimetros, mas a onda quebrou um pouco á frente da prôa, passando fumagante de espuma por baixo do barco, que a galgou como uma gaivota, embalando-se-lhe no dorso arripiado e colerico. Estava passado o perigo e o barco continuou a avançar para o mar sem outro transtorno.

Transposta a *pancada* do mar o arraes pediu a um dos da companha que fosse para a ré, e então viu-se o que succedera: a corda, ao resvalar, quando o arraes com mais força a segurava, tinha-lhe levado a pelle das mãos; elle sentira a dôr cruciante da corda a morder-lhe as carnes em sangue, mas não contrahira um musculo da face, nem deixára afrouxar a corda um segundo, aliás estavam todos perdidos.

Nos estaleiros de Aveiro e de Ilhavo construem-se uns barcos de fundo chato, muito apreciados dos pescadores do Tejo e que vão para alli por mar, carregados de sal ou de madeira, tripulados apenas por dois homens, que levam por unico instrumento nautico um relogio de sol de trinta reis. Chamam a estes barcos *enviadas*.

Um dia o Thomé Ronca, com o auxilio de algumas moedas que pediu emprestadas, comprou uma *enviada*, carregou-a de sal, arranjou um companheiro de viagem, o João Chincha, e deliberou levar o barco a Tejo.

A *enviada* sahiu uma madrugada da *Malhada* de Ilhavo e dirigiu-se para a barra a fim de esperar alli a maré e vento favoravel. Eram oito horas da manhã quando o Ronca e o Chincha chegaram ao *forte* da barra de Aveiro. A maré estava quasi em preamar, mas um vento fresco do oeste, ponteiro á barra, impedia a sahida da *enviada*, que só póde navegar para Lisboa com um bom vento norte. O Ronca ficou desesperado com o contratempo, mas deliberou esperar pelo vento, visto que não tinha outro remedio. O João Chincha notou porém que lhe tinha esquecido a almotolia com o azeite, tempero indispensavel a um pescador, e propoz ao arraes para ir a Ilhavo buscal-a n'uma carreira. O Thomé Ronca concordou e o Chincha partiu para Ilhavo buscar o azeite.

Passada meia hora e quando a maré já começava a descer, o vento rodou para o norte, o Thomé Ronca meditou dois segundos no caso, rogou duas pragas pela demora ao Chincha, que ainda não tinha tempo sequer de ter chegado a Ilhavo, esperou impaciente mais tres ou quatro minutos, e depois tranquillamente e resolutamente poz todas as couzas em ordem: amurou a vela prendeu-lhe a ponta da escota, içou-a no mastro, collocou-se ao leme e sahiu barra fóra, sósinho, caminho de Lisboa, onde aportava d'ahi a dois dias!

Quando o Chincha, ás 10 horas, voltou á barra e soube que o arraes tinha sahido, sósinho com a *enviada*, limitou-se a dizer, depois de dois segundos de pasmo:

— O raio do *home* quer dar cabo da *enviada!* Como diabo ha-de aquelle malvado governar-se sem azeite?

E voltou a Ilhavo, apprehensivo, meditando nas difficuldades em que o arraes se havia de... sem a almotolia!

Estes e outros actos de heroismo tranquillo e despretencioso formavam em volta do Thomé Ronca uma atmosphera de inviolabilidade que o tornavam absolutamente respeitado e obedecido entre os pescadores da Costa Nova e particularmente entre os homens da sua companha. Por mais accesa e descomposta que estivesse a altercação, ou mais travada a desordem, em chegando o Thomé Ronca todos se acomodavam, porque o Thomé pegava n'um homem pelo peito, agarrando-lhe só com uma das mãos a camisola, e atirava com elle pelo ar a dez passos de distancia deixando-o estatelado e sem accordo na areia.

N'uma noute entrou elle n'uma taberna em Ilhavo para beber meio quartilho. Na taberna estavam uns oito ou nove pescadores da companha do Gallo, que andava em rivalidade com a companha Nova, de que o Ronca era arraes. O Thomé Ronca conheceu o perigo da situação, mas avançou tranquillamente para o mostrador da taberna e pediu meio quartilho. Entre os circumstantes estabeleceu-se um silencio ameaçador, cortados apenas por alguns monosyllabos duvidosos e egressivos. A taberneira percebeu tambem o perigo, empallideceu e ficou sem coragem para ir tirar o vinho.

— Então você fica-se ahi pasmada, tia Maria? Dê-me cá meio quartilho, com um raio de diabos, praguejou o Ronca, senão tiro-o eu da barriga a estes bebados que você aqui tem.

A esta provocação os assistentes ergueram-se ameaçadores, e um d'elles foi fechar a porta da taberna, para alli esfaquearem o arraes. Este deu um salto de gamo para a porta, agarrou no homem que a fechára, atirou com elle como uma pella por cima do mostrador contra as pipas, tirou a chave da porta, metteu-a no bolso, sacou d'alli uma navalha, que deu estalos seccos e metalicos ao abrir-se e disse a sorrir-se como uma hyena para o grupo:

— Agora é que se vae ver quem são os homens. Vocês, seus malandros, sahem d'aqui quando me tirarem a chave do bolso, ou saio eu sosinho depois de os deixar ahi estendidos n'esse chão, cosidos a facadas. Vamos a isto!

E á luz enfumada e oscillante da candeia, a navalha scintillava-lhe na mão direita fria, hirta e ameaçadora como a lingua d'uma serpente.

Os da taberna pediram misericordia, assegurando ao arraes que ninguem lhe queria fazer mal.

— Então para que fecharam a porta? Ora fiquem sabendo que não são vocês que brincam comigo, e que a primeira vez que tornem a perder-me o respeito, eu migo-os a facadas, como quem miga sallada.

E sahiu pela porta fóra tão tranquillo e direito como tinha entrado.

Alexandre da Conceição.

O VIRTUOSO CATÃO

E

HONRADO HORTENSIO

O honrado Hortensio uma bella manhã procura Catão, o seu virtuoso amigo Catão, pede-lhe a filha.

— A minha filha está casada com Bibulus—responde o *Censor*.

— Bem sei, e é por isso mesmo que eu a peço—replica Hortensio.—Tambem sei que tem filhos. Mais uma razão para que eu a queira. Vê-se que tem excellantes predicados de fecundidade. Não é unicamente o meu interesse que me move a pedil-a; é tambem o interesse do proprio marido e do Estado. Se m'a não deres, que é o que se segue? O marido, aborrecido, cançado, deixará de cultivar um torrão tão productivo, e o Estado soffrerá com isso. Dê-se, porém, a hypothese, de que elles gerem mais filhos. Qual é a consequencia? Os muitos filhos causarão a miseria da familia, porque Bibulus tem pouco de seu; ao passo que eu sou rico, e posso educal-os todos sem difficuldades.

Catão escuta, e Hortensio moralisa:

— Se todos assim fizessem, se trocassemos as mulheres, *entre cidadãos honrados*, que vantagem, que força para a Republica! Todos seriamos parentes, irmãos e cunhados. Com semelhantes allianças. Roma seria uma só familia, um corpo unico.

Hortensio, porém, entra em arranjos, faz concessões.

— Cêdo da propriedade, está dito, contento-me com o usofructo por um praso limitado. Comprehendo o teu silencio, bem sei. Bibulus quer ter a mulher. Arranjemo-nos do melhor modo:—que me não dê a mulher, que m'a empreste; e, quando me tiver dado um filho, devolvo-lha. Serve? D'este modo ficaremos unidos sanguineamente e eu fico sendo da tua familia, e da familia Bibulus. Não imaginas a ancia com que eu aspiro a pertencer ao teu sangue, Catão!

— Muito me lisongeiam os teus desejos—respondeu o *virtuoso*, já um pouco familiarisado com a proposta exquisita—e muito me honras, caro Hortensio meu! Sabes quanto te quero e desejo ser-te agradavel; mas, repito, minha filha está casada; não sei como possas desposal-a; e consente que eu ache extravagante semelhante proposta!

Catão fallou bem, porque estava em jejum. Segundo Plutarco, a maior parte das tardes embebedava-se, e de ahi lhe provinha talvez ser considerado o «mais sabio dos romanos».

Hortensio, apoz uma curta meditação, respondeu circumspectamente:

— Ora, escuta. Vou fazer-te outra proposta. Se me não dás tua filha, dá-me tua mulher.

— Minha mulher!—exclamou o outro.—Pois tu queres casar com minha mulher?!

— Sim, quero casar com Marcia, tua mulher.

— Então cuidas que eu a não amo? que t'a dou?

— Perdão! Eu tanto creio que a amas, que ella está gravida.

—E d'ahi?

—E' por isso mesmo que eu a desejo. Ella está ainda muito fresca e póde ter muitos filhos meus. Ou m'a dás, ou m'a emprestas. Escolhe. Do que não prescindo é de me unir a ti por vinculos muito intimos.

Catão sente-se abalado. Diz que é preciso reflectir, remover obstaculos.

— Reflectir o quê? obstaculos, quaes?—accode Hortencio.

— Não posso decidir sem que outra pessoa consinta. Essa outra pessoa é o pae de minha mulher. Não posso mandal-a embora e dar-t'a, sem que o pae esteja por isso. Não quero que elle se persuada que eu lhe não amo a filha, nem o respeito a elle.

— Mas, se teu sogro consentir, das-m'a?

— Dou.

— Então vae já d'aqui a casa de teu sogro.

O sogro de Catão era um tal Philippe, velho romano de maço e mona, grande respeitador das leis. O genro expõe o caso. O sogro escuta-o com a maxima gravidade, e pergunta:

—Mas o que sentes tu na materia sujeita, meu genro? Que queixas tens de tua mulher?

—Nenhumas. Marcia é uma mulher honestissima e perfeitissima; mas Hortensio está apaixonado por ella violentamente.

— Não me parece isso—obviou o sogro—porque elle, antes de pedir a mãe, pediu a filha.

—O que elle quer é casar com alguem da minha familia—explicou o virtuoso Catão—Que hei-de eu fazer-lhe?

— Estás, pois, disposto a dar-lhe a mulher?

— Se m'o não levas a mal...

— Eu não me opponho... A cousa á lá comtigo.

—Então, muito obrigado. Adeus.

—Espera lá—atalhou Philippe.—Tenho a pôr uma condição que não sei se estarás por ella.

— Qual?

— Consinto, mas o contracto has-de assignal-o tu.

— Mais nada?

— E não é pouco. O casamento não se realisa sem certificar-se o consentimento d'aquelle em cuja dependencia está a mulher. Assim manda a lei.

— E depois?

— Depois? assistirás ás bodas.

E, d'ahi a dias, Hortensio casou com Marcia. E d'ahi a annos, Hortensio morreu, e Marcia voltou para Catão, que lhe herdou as enormes riquezas do segundo marido.

Ora a severidade d'este Catão era tão proverbial, que Pompeu, posto que mais velho, quando elle entrava no tribunal, levanta-se. Quanto a dinheiro, era de um tal desprendimento que falsificava os vinhos que vendia nos seus armazens, e tinha casas de alcouce por sua conta. Quanto ás mistélas que fazia do pseudo-falerno, não sei como elle sociologicamente se justificava; pelo que respeita aos bordeis, dizia que as meretrizes defendiam com os seus corpos a pudicicia das senhoras castas. Virtudes romanas.

*

Eu não inventei estas coisas. Contou-as Plutarcho *(Vidas dos varões illustres)* e commentou-as amplamente Eugenu Londun *(l' Antiquité)*.

Quando vos quizerem arreatar á virtude com o cabresto de Catão censorino e de Hortensio, o *homem de bem* segundo Plutarcho, mandae á fava os pregoeiros das antigas virtudes do Lacio, e dizei-lhes que tendes melhores praxistas—o marquez de Sande e o Casa Nova.

Camillo Castello Branco.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 6

Concessão de differentes mercês honorificas.

Decreto convocando a junta geral do districto de Coimbra para uma sessão extraordinaria, afim de deliberar sobre a venda do edificio da penitenciaria districtal.

Varios despachos administrativos.

Decreto auctorisando a camara municipal de Penafiel a crear escolas mixtas de ensino elementar nas freguezias de Castellões e Boelhe.

Carta de lei creando o logar de commissario geral do metodo de leitura da *Cartilha Maternal* de João de Deus.

Differentes despachos judiciaes.

Boletim da guarda fiscal.

Despachos de varios empregados para os correios e telegraphos.

Annuncio de estar aberto concurso, pelo praso de 30 dias, para logares de primeiro aspirante no serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto.

Diario de 7

Despachos de varios empregados para as alfandegas.

Mappa dos europeus fallecidos na provincia de Angola durante o segundo trimestre do anno de 1887.

Mappa do movimento dos espolios dos portuguezes fallecidos na área do consulado do Maranhão, referido ao mez de novembro de 1887.

Diario de 8

Varios despachos judiciaes.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Pernambuco durante o mez de novembro de 1887.

Mappa dos registos e depositos de marcas de fabrica e commercio effectuados em maio ultimo.

Despachos da direcção geral dos correios e telegraphos.

Listas das classificações obtidas nos concursos para o quadro de serviço externo de correios e telegraphos.

Ordem do exercito.

38

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

Foge, defende-te dos *Outlaws*, ou arranja-te com elles, mas não esperes de nós nem soccorro nem protecção. Se os *Outlaws* só roubassem pessoas como tu, que roubam todo o mundo, tel-os-ía pelos mais honrados homens que póde haver.

Esta resposta severa não obteve a approvação de Cedric.

— Fariamos melhor, lhe disse, de dar-lhes alguns dos nossos cavallos, para os pôr em estado de continuar a sua jornada, e de os fazer escoltar por dous homens do nosso sequito até á primeira aldeia. Isto diminuirá um pouco as nossas forças, mas quando fossemos atacados, a vossa espada e a minha, nobre Athelstane, e os oito homens que nos restam, bastariam para dar-mos cabo de vinte vagabundos.

Lady Rowena, que tinha concebido alguma inquietação ouvindo fallar em um bando de *Outlaws*, apoiou fortemente a proposição do seu tutor. Mas Rebecca, levantando-se de repente, e correndo para ella, poz um joelho em terra, tomou a orla de seu vestido, e beijou-o respeitosamente, á maneira dos orientaes quando se dirigem a seus superiores. Levantando-se depois, e lançando o seu véu para traz, rogou-lhe em nome do Todo-Poderoso, que ellas ambas adoravam, em nome dos mandamentos que este Deus tinha dado sobre o monte Sinai, e que ellas ambas respeitavam, de ter piedade da sua angustia, e de lhes permittir que viajassem debaixo da sua salvaguarda.

— Não é por mim que vos peço esta graça, lhe disse ella; não é tão pouco por este pobre velho, meu pai; eu sei que só o nome da nossa nação basta para nos expôr ao abandono, ao desprezo, aos insultos, e que importa quer seja em uma grande cidade, quer nos bosques? Mas esta liteira tem dentro um ferido, um christão; consenti que possâmos transportal-o sem perigo debaixo de vossa protecção, e pensai bem que se, por causa da vossa repulsa, lhe acontecesse algum accidente, amargos pezares perturbariam os ultimos instantes da vossa vida.

O ar nobre e solemne, com que Rebecca lhe dirigia este rogo, commoveu a bella saxonia.

— Este velho está sem defeza, disse ella para o seu tutor, esta rapariga é tão interessante como bella. ha um homem que soffre n'aquella liteira; supposto que sejam judeus, nós não seriamos christãos se os abandonassemos n'esta extremidade. Podemos dar-lhes duas mulas para levarem a liteira, e dous cavallos para elles mesmos; porque lhes não permittiriamos nós que nos acompanhassem?

Cedric consentiu sem difficuldade, e Athelstane, só pôz uma condição, foi que os judeus viriam na retaguarda.

— Lá acharão Wamba, accrescentou elle, que não deixará de ter conservado o pernil para servir-lhe de escudo.

— O meu escudo ficou no campo da batalha, disse Wamba, como o de outros muitos.

Athelstane córou e não ousou replicar, porque justamente assim lhe acontecéra no ultimo dia do torneio; e lady Rowena, que não estava desconsolada de o vêr humilhado, tratou de fazer com que Rebecca se não lembrasse do que havia dito o seu brutal amante, dizendo-lhe *que se pozesse a seu lado.*

— Isso não seria conveniente, respondeu Rebecca com uma humildade que não era destituida de alguma soberba, visto que a minha companhia podia ser olhada como uma deshonra para a minha protectora.

Entretanto descarregaram-se duas mulas que levavam a bagagem, que foi repartida por todas. Operação que se fez com a maior brevidade, por quanto o nome de *outlaws* tinha dado a cada uma nova actividade, e a chegada da noute augmentava ainda o terror que elles inspiravam.

Durante este momento de confusão, Gurth queixou-se, que as cordas que o prendiam lhe apertavam muito as mãos, e que o feriam. Wamba encarregou-se de as despertar, mas fosse por acaso, ou de proposito, ligou-as com tanta negligencia que Gurth achou meio bem depressa de se desembaraçar, e antes que tivessem montado a cavallo, tinha-se entranhado na espessura dos bosques.

O cavallo em que Gurth vinha deu-se ao judeu, e como elle devia fazer o resto da viagem de garupa com um dos criados, ninguem deu fé da sua ausencia. Differente objecto occupava além d'isto todos os espiritos, pois que esperavam vêr a cada instante os *outlaws*,

A vereda que os nossos peregrinos seguiam, tornou-se então tão estreita, que não admittia mais de dous cavalleiros de frente. Era um carreiro que ía ter a uma especie de pantano, atravessado por um regato, cujos bordas estavam cobertas de salgueiros velhos. Cedric e Athelstane, que caminhavam á frente da sua gente, entenderam logo quão favoravel seria *aos outlaws similhante posição*, se todavia pretendessem salteal-os; mas não tinham outro meio de prevenir o perigo do que caminharem mais depressa, o que não era facil n'um terreno em que os cavallos se cravavam a cada passo. Passaram o pequeno regato a váu; mas apenas chegaram ao outro lado, acharam-se logo rodeados, e atacados por todos os lados, d'uma tropa numerosa de homens armados, e com tal impeto que não lhes facilitava a menor defeza. Os salteadores gritaram em voz alta:

— Dragão branco! S. Jorge e Inglaterra! para melhor fazerem o papel de outlaws saxonios, e recebiam por momentos novos reforços, com o que cada vez mais se engrossavam.

Os dous chefes saxonios foram feitos prisioneiros no mesmo momento, e cada um com circumstancias conformes ao seu caracter. Cedric lançou contra o primeiro inimigo, que lhe appareceu, o dardo que lhe restava, e o arremesso foi mais bem dirigido do que o que fez sobre Fangs, pois que o homem ficou pregado contra um carvalho, diante do qual elle se achava. Lançou-se com a espada na mão contra o segundo com uma impetuosidade tão cega, que quebrou a sua arma contra um grosso ramo. Dous ou trez homens se precipitaram ao mesmo tempo sobre elle, derribaram-no do cavallo, e fizeram-no prisioneiro. Quanto a Athelstane, em quanto reflectia se devia atacar os inimigos, que lhe vinham pela frente, ou os que o ameaçavam pelo flanco, agarraram-lhe nas redeas do cavallo, e fizeram-no partilhar o captiveiro de Cedric, sem ter tido tempo de fazer a menor acção de bravura.

Os homens do seu sequito, embaraçados no meio das mulas, que levavam a bagagem, sobresaltados e aterrados pelo destino de seus amos, foram facilmente desarmados pelos salteadores, os quaes igualmente se apossaram de lady Rowena, que ía no centro da cavalgada, assim como de Isaac e da sua filha postos na retaguarda.

Ninguem escapou ao captiveiro, excepto Wamba, que mostrou n'esta occasião mais coragem, que todos os que pertendiam ter todo o seu bom senso. Tendo-se apossado da espada d'um dos criados, que não parecia disposto a fazer uso d'ella. esgrimiu-se tão bem, que se defendeu de muitos dos salteadores. Fez mesmo uma tentativa para livrar seu amo, mas vendo que eram muitos e destemidos os adversarios, e que a maior parte dos seus camaradas estavam já amarrados, deixou-se escorregar do cavallo abaixo, e, a favor das trevas e da confusão que reinava, entranhou-se nos bosques sem que ninguem pensasse em seguil-o.

Todavia o valente bufão tão depressa se viu fóra do perigo, hesitou logo se voltaria para traz, para partilhar o captiveiro com seu amo, aquem era bastante affeiçoado.

— Tenho algumas vezes ouvido fallar da felicidade de ser livre, ia elle pensando comsigo, mas sempre quereria que algum homem prudente me dissesse de que serve a liberdade, que agora disfructo.

— Wamba! pronunciou n'este momento em voz baixa e com precaução d'um individuo, que vinha a alguns passos de distancia d'elle; no mesmo instante correu um cão a elle para o acarinhar, e era Fangs.

— Gurth, respondeu Wamba a meia voz, és tu?

— Sim, respondeu Gurth aproximando-se d'elle: mas que é isto? que quer dizer este estrepido d'armas?

— É uma aventura como acontece todos os dias: estão todos prisioneiros.

— Prisioneiros! quem?

— O nosso amo, lady Rowena, Athelstane, Hundibert, Oswald, e todos os outros.

— Ceus! quem é que os fez prisioneiros? como é que isso acontecen?

— O nosso amo pôz muita precipitação no combate, Athelstane não metteu bastante, e os outros nada fizeram. Os que os fizeram prisioneiros estão vestidos de verde, e têem as caras cobertas com mascaras. Todos os nossos estão estendidos sobre a relva como as maçãs, que tu deitas aos porcos. Teria rido, se pudesse deixar de chorar; e vertia lagrimas sinceras.

A fisionomia de Gurth inflamou-se:

— Wamba! exclamou elle, tens uma arma, e o teu coração val mais do que a tua cabeça. Nós não somos senão dous; mas um ataque surdo e imprevisto contra os que o não esperam, póde vingar-nos. Segue-me, devemos livrar Cedric.

— Mas, Gurth, então já te esqueceste que ha uma hora juravas que nunca lhe perdoarias?

— Isso era, quando elle não tinha necessidade de mim. Vamos, segue-me.

Dispunham-se a partir quando lhes appareceu de repente um individuo, e ordenou-lhes que parassem. Pelo seu trage e armas, Wamba tel-o-ía tomado por um dos *outlaws*, que acabavam de fazer prisioneiro seu amo, pois que senão differençava d'elles senão pela mascara; mas pelo rico boldrié e trompa de caça, que trazia, assim como por seu ar indifferente, reconheceu, apesar da obscuridade, a Locksley, o yeoman que tinha ganho gloriosamente o premio do arco.

— Que quer dizer tudo isso? lhes perguntou elle, quem se atreve a fazer prisioneiros n'esta floresta?

— Não tendes mais do que examinar os seus vestidos, e ver se são os vossos irmãos ou não, respondeu Wamba; duas hervilhas não teem entre si mais similhança.

— Eu o saberei n'um momento, diz Locksley; mas esperai-me n'este logar; prohibo-vos, a risco das vossas vidas, de vos arredardes sem que eu tenha voltado. Obedecei-me, achar-vos-heis bem com isto, assim como vossos amos. Comtudo é mister tomar algumas precauções.

Tirou então o boldrié, despregou uma penna que fluctuava sobre o seu bonnet, e disse a Wamba que a guardasse: tirando depois uma mascara da algibeira, cobriu a cara com ella e apartou-se de Gurth e do bobo, para ir fazer o seu reconhecimento, ordenando-lhes de novo que esperassem.

— Esperal-o-hemos, Gurth, diz Wamba, ou far-lhe-hemos vêr que temos pernas? Se me não engano, elle achou muito depressa á mão o traje de ladrão para que o supponha homem de bem.

— Quando fôra o diabo respondeu Gurth, que arriscâmos nós em esperar? se elle é do bando já deu signal aos outros, e não lhes poderiamos escapar. Demais eu tenho a prova não ha muito tempo de que entre os ladrões encontram-se homens de honra.

Locksley voltou, passados alguns minutos.

(Continúa.)

CORREIO DE LISBOA

10 DE AGOSTO DE 1888.

As noticias que se recebem do estrangeiro ácerca da viagem da familia real portugueza, são as mais satisfatorias. Por toda a parte Suas Magestades recebem as mais plenas demonstrações de consideração e de estima—do mais singular respeito—respeito que as suas virtudes merecem. El-Rei vae fatigado da viagem, mas consideravelmente melhor. A Rainha e o infante perfeitamente bons. Ao paiz deve ser grato saber que os monarchas portuguezes são lá fóra, e na propria França republicana, alvo das mais affectuosas demonstrações de verdadeiro apreço. Em differentes côrtes da Europa são Suas Magestades esperados com anciedade. Em Vienna, na capital da Austria, são os reaes viajantes esperadas no dia 18, devendo hospedar-se na propria residencia de Francisco José. Estreitam-se assim os laços d'amizade que prende a familia real portugueza aos mais importantes monarchas da Europa.

— De politica nada importante.

— Alguns jornaes republicanos continuam a asseverar que o espirito publico ahi é contra as irmãs hospitaleiras, que ahi exercem com carinho exemplar o seu officio de caridade. Parece incrivel que a illusão d'esta gente chegue ao ponto em que se acha! Que gente é ahi a que combate essas santas mulheres? Envergonha referil-o! Meia duzia de pseudo-regeneradores, que pozeram na sua frente uns tres operarios, que ninguem conhece, e eis tudo! «*O espirito liberal d'Aveiro em sublevação perenne contra as irmãs hospitaleiras*»... A affirmativa teria graça se não causasse nojo. E' o odio a expandir-se por diversas fórmas contra o clero virtuoso e digno, pelo baixo sentimento d'uma gentalha sem posição e sem nome. Ao lado da ordem contra a desordem, contra o que ha de mais baixo na terra, collocou-se o *Campeão*, e fez muito bem. O resultado é ver-se como se vê—um districto inteiro e as pessoas mais notaveis d'elle levantarem-se contra os energumenos que tentaram reagir contra a virtude e contra a ordem estabelecida.

— O couraçado *Vasco da Gama* ainda está em Barcelona. Na proxima segunda-feira deve sair d'esse porto para Genova, esperando ahi o regresso de El-rei. Se, como por agora está projectado, S. M. embarcar em Genova, é provavel que volte a Barcelona e visite alguns portos hespanhoes do Mediterraneo e o de Gibraltar. O couraçado tem sido muito visitado pelos catalães; chegou a ser tal a invasão de visitantes que foi indispensavel collocar sentinellas aos portalós prohibindo a entrada. Quando a charanga toca a bordo—á hora do jantar dos officiaes—agglomera-se muita gente no caes proximo para a ouvir. As auctoridades militares de Barcelona estiveram a bordo no dia 7, e foram recebidas com muita cordealidade.

— Na Austria—por onde El-rei vae passar na sua viagem de convalescença—continúa o mau tempo. Tem chovido tão copiosamente que, perto de Vienna, o Danubio está fóra do leito, e muitas povoações teem sido innundadas. Na capital é tanto o frio que os habitantes usam fato d'inverno. As familias que, contando com o calor proprio da estação, tinham saido para o campo, tiveram que regressar quasi todas á cidade. A abertura da época da caça foi addiada, porque a creação nova está ainda atrazadissima, sem contar que as neves a teem dizimado.

— O *Diario do Governo* publica um decreto extinguindo as recebedorias dos bairros e a repartição da receita eventual de Lisboa e creando uma repartição central denominada de fiscalisação e arrecadação. Esta repartição central terá sete delegações.

— O sr. ministro das obras publicas vae estar em Luzo até ao fim do corrente, tendo de vir a Lisboa algumas vezes por causa dos importantes negocios d'Estado que sempre ha a tratar.

— Os srs. marquezes de Penalva partiram para a sua casa das Lapas, onde costumam passar a epoca calmosa. Fazem falta á pobreza de Lisboa, mas folga com a sua residencia nas Lapas o proletariado d'aquella circumscripção.

— Monsenhor Vannutelli, nuncio de Sua Santidade, partiu para Cintra onde tenciona passar a epoca calmosa.

— A morte do coronel do 10, sr. Antonio Corrêa dá logar á seguinte promoção na arma. Na sua vaga vão ser promovidos: a coroneis, os srs. Manuel Augusto do Novaes Sequeira, ajudante de campo do principe real, e Jorge Correia Pinto de Moraes Sarmento, governador do districto de Sofala, por lhe pertencer o posto de tenente coronel no exercito de Portugal; a tenente coronel, o sr. José Belchior Pinto Garcez, de cavallaria 10, e a major o sr. Carlos Basilio Damasceno Rosado, director do deposito de remonta em Villa Viçosa. Parece fóra de duvida que o seu logar de commando no corpo será prehenchido pelo actual coronel de cavallaria 6 sr. Bento da França.

— O sr. commissario da 1.ª divisão vae sollicitar do sr. governador civil a necessaria auctorisação para, por meio de circulares dirigidas aos habitantes da sua area policial, promover uma subscripção mensal para obter os meios necessarios para fundar um estabelecimento em que sejam recolhidas as creancinhas que vivem nos lupanares com as mulheres perdidas e que, por falta de recursos, a policia lh'as não tem tirado, por tambem não ter destino que lhes possa dar.

— A camara municipal de Lisboa pediu ao governo a convocação extraordinaria da mesma camara afim de deliberar sobre um emprestimo de quatro centos contos de reis que deseja contrair e approvar o orçamento supplementar que deve crear esta receita.

— O sr. conde Colombiano, ministro de Italia n'esta côrte, communicou, hontem, ao sr. ministro dos negocios estrangeiros que Sua Magestade El-Rei de Portugal fôra agraciado com a grande medalha de oiro commemorativa do centenario da fundação da universidade de Bolonha. Consta que esta medalha apenas fôra offerecida a dois soberanos estrangeiros—o imperador do Brazil e o rei de Portugal.

— Consta por telegramma de hoje ter naufragado esta noite em Scilly Island, proximo de Cardiff, o vapor portuguez *Gomes V*, pertencente aos respeitaveis negociantes d'esta praça, A. Centeno & C.ª. Este vapor tinha ido do Porto para Liverpool com um carregamento de cebolas, e, depois d'ali descarregar, seguiu para Cardiff, para receber uma carga de carvão com destino ao Parto. O vapor considera-se perdido, assim como a carga, tendo-se conseguido salvar toda a tripulação. Era um bom navio, bem conhecido em a nossa praça. Fez durante largo tempo a carreira do Algarve. A bordo achava-se tambem um dos srs. Centenos, na occasião do naufragio.

— Ludovina de Barros, dona de uma casa de prostituição na rua do Crucifixo, que ha dias fôra presa no governo civil por pretender abrir matricula a duas pobres raparigas que trouxera de Coimbra dizendo-lhes que vinham para Lisboa servir em casa de familias honestas, respondeu hoje no 2.º districto e foi condemnada em 6 mezes de prisão, 2 de multa a 500 reis por dia, e nos sellos e custas do processo. E foi pequeno o castigo para tão grande delicto. E' indispensavel acabar com o infame trafico—da *agencia* da prostituição.

— Os aspirantes de marinha que partiram na corveta *Rainha de Portugal*, em viagem de instrucção, telegrapharam a todos os jornaes, dizendo estarem todos doentes por causa do alojamento intoleravel, estando os que tem de fazer exame em outubro impossibilitados de estudar a bordo, e por isso a necessidade de regressar a Lisboa. No referido telegramma pedem á imprensa para advogar a sua causa. Telegramma egual parece ter sido dirigido ao sr. ministro da marinha. Parece porém que a queixa dos aspirantes é sem fundamento.

— Calcula-se em 40:000$000 reis os perjuizos soffridos pelos srs. duques de Palmella no seu pinhal de Corraros além do Tejo. No incendio morreu bastante gado que alli pastava.

— No mez findo exportou-se pela barra do Porto vinho no valor aproximado de 600:000$000 reis, mais cerca de 240:000$000 que em egual mez do anno anterior.

— Está de novo aberto concurso para a empreitada das estradas do districto de Coimbra, que não foi entregue na praça anterior. Consta que agora haverá mais concorrentes.

— Endoideceu o actor Torres do theatro de D. Maria II. O infeliz chegou hontem a Lisboa vindo da Azambuja sob prisão.

— A camara municipal de Lisboa representou ao governo pedindo a liquidação da companhia das aguas, que tem sido uma perfeita burla.

— Foi assignado finalmente o contracto da operação para a conversão da divida e emprestimo para a expropriação das fabricas de tabacos. Foi o sr. Henrique Mozer que representou o grupo de capitalistas estrangeiros e portuguezes que tomaram o contracto.

— Foi nomeado director das obras publicas do districto de Faro, o sr. José Estevam Affonso, que dirigiu as obras publicas no districto d'Angra.

— Apareceu hoje á venda a carta que o sr. Silva Pinto dirige ao Regente a favor de Marinho da Cruz. E' um documento bem escripto. Ha n'elle algumas linhas dirigidas a El-rei.

— Entrou no hospital de S. José uma mulher atacada de hydrophobia. Ponham os olhos n'isto os possuidores de cães.

— Chegou de Mondariz o sr. infante D. Augusto. Sua alteza recebeu em Hespanha as maiores considerações.

— Um telegramma de Londres communica que o Banco de Inglaterra elevára para 3 p. c. a taxa do desconto, que durante algum tempo estivera a 2 1/2.

— Por telegramma recebido hontem do Rio de Janeiro sabe-se que a taxa cambial sobre Londres baixára 1/8, ficando, por conseguinte, a 25 7/8. Noticias ulteriores dizem que o preço do cambio subiu 3/8os, ficando por conseguinte a 26 1/4.

— A alta dos fundos portuguezes em Franckfort accentua-se. O 3 p. c., que hontem ficára a 65, subiu hoje a 66,10. O 5 por cento está a 100,20.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CAMARA MUNICIPAL
DA
FEIRA
ADJUDICAÇÃO D'EMPREITADA

A Camara Municipal da Feira faz saber: que perante ella em sessão de 22 do corrente, hade adjudicar-se em hasta publica a empreitada da construcção do edificio dos banhos de S. Jorge, e obras annexas segundo os projectos e orçamentos approvados pela Camara em sessão do 1.º do corrente.

A base de licitação é de 6:995$798 réis importancia do respectivo orçamento. Só será admittido a licitar quem antes da offerta do seu lanço apresentar recibo da thesouraria municipal, que prove ter depositado n'ella á ordem da Camara em notas, dinheiro ou titulos ao portador da divida publica nacional pelo valor do mercado a quantia de 200$000 réis que será levada á conta de deposito definitivo a favor do depositante a quem fôr adjudicada a empreitada ou que será, finda a licitação, restituida logo a cada um dos demais depositantes. A adjudicação provisoria será feita a quem offerecer menor lanço e só se converte em definitiva mediante o augmento immediato do deposito provisorio até á quantia correspondente a dez por cento do preço da ajudicação. O deposito definitivo vencerá, emquanto durar, o juro de cinco por cento a favor do empreiteiro. Os projectos, orçamento e caderno d'encargos acham-se patentes na secretaria municipal onde podem ser examinados todos os dias uteis desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Feira 1 d'agosto de 1888.

O Presidente da Camara,
Roberto Alves de Souza Ferreira.

PARA ALUGAR

QUEM quizer arrendar um palheiro na Costa Nova com alguma mobilia e alguma louça, n'um dos sitios melhores da Costa, falle com Manuel Antonio Loureiro de Mesquita.

ANNUNCIO

NO dia 26 do mez d'agosto corrente, pelas 11 horas da manhã, junto á porta do tribunal judicial d'esta cidade, e no inventario de menores a que se procedeu por obito de João Simões da Rocha, viuvo, do logar das Ribas d'Ilhavo, e em que foi cabeça de casal Francisco Baptista, casado, d'ahi, se ha de proceder á venda em hasta publica da sexta parte d'uma azenha, casas, e respectivas pertenças, no Cabeço da Coitada, indo á praça no valor de 46$666 reis, e d'umas casas terreas, abegoarias, poço e aido de terra lavradia e arvores de fructo, que levará de semeadura 18 litros de trigo, sito no logar das Arribas d'Ilhavo, e é onerada com o fôro annual de 35 litros de trigo tremez, ou o seu valor em dinheiro que se paga á Fazenda Nacional, como successora do convento das Carmelitas d'esta cidade d'Aveiro, indo á praça no valor de 40$000 reis. Bens estes que pertencem ao ausente Manuel Simões da Rocha, filho d'aquelle inventariado, e vão á praça para pagamento de dividas do mesmo ausente. Pelo presente são citados para assistirem á arrematação quaesquer credores incertos e ainda outras pessoas que possam uzar de seus direitos.

Aveiro 4 d'agosto de 1888.

O escrivão substituto,
Gualdino Manuel da Rocha Calisto.
Verifiquei a exacção—*A. Cortezão.*

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Rua Nova de S. Domingos 97
PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

ATTENÇÃO

DESEJANDO vir a esta cidade uma senhora que dá lições de córte pela escola franceza, pede o obsequio ás senhoras que desejarem aprender, de se dirigirem para o Porto, rua Formosa, n.º 60. Cada 20 lições, 9$000 reis.

MOLESTIAS SECRETAS
CAPSULAS RAQUIN

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Pariz.
Como não se abrem no estomago, toleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.
A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas
EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES
Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura* de *Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.
DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, *Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibato de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a INJECÇÃO RAQUIN, complemento de todo tratamento

As pessôas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais lhe convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.* 5 fr. e 2 fr. 50

SAUDE A TODOS Medicina com purgantes, sem despezas, com o uso da diliciosa farinha de *Saude*

REVALESCIÉRE
DU BARRY, DE LONDRES
40 annos de invariavel successo

Combatendo as indigestões (dispepsias), gastrica, gastralgia, flegma, arrotos, amargos na bocca, pituitas, nauseas, vomitos, irritação intestinal, bexigas, diarrhea, disenteria, colicas, tosse, asthma, alta de restauração, oppressão, congestões, mal dos nervos, diabetis, debilidade, todas as desordens no peito, na garganta, do halito, dos bronchios, da bexiga, do figado, dos rins, dos intestinos, da mucosa do cerebro e do sangue: 100:000 curas, entre as quaes se contam a de S. S. o Papa Pio IX, de S. M. o Imperador da Russia, do duque de Pluskow, das ex.^{mas} sr.^{as} marqueza de Brahan, duqueza de Castlestuart, dos ex.^{mos} srs. lord Stuart de Decies, par de Inglaterra, o doutor e professor Wurzer, o professor e doutor Benecke, etc., etc.

N.º 49:842: M.^{me} Marie Joly, de cincoenta annos de constipação, indigestão, nervose, nesminlas, asthma, tosse, flatos, espasmos e nauseas.—N.º 46:270: M. Roberts de uma constipação pulmonar, com tosse, vomitos, constipação e surdez de 25 annos, —N.º 46:210: O doutor em medicina Martin, d'uma gastralgia e irritação de estomago, que o faziam vomitar 15 a 18 vezes por dia, durante oito annos.—N.º 46;218: o coronel Watson, de gotta, nevralgia e constipação obstinada.—N.º 18:744: O doutor em medicina Shorland, de uma hydropisia e coustipação.—N.º 49:522: M. Baldwin, completa prostração, paralysia de membros, em consequencia de excessos da mocidade.

Cura n.º 80:416: O sr. doutor Benecke, professor de medicina na Universidade, refere-se da maneira seguinte á clinica de Berlim, em 8 de abril de 1872:

«Nunca esquecerei que devo a vida de um de meus filhos á *Revalesciére du Barry*.

«A creança, na idade de quatro mezes, soffria, sem causa apparente, uma atrophia completa, com continuos vomitos, que resistiam a todos os tratamentos da sciencia medica. A *Revalesciére* restabeleceu-lhe completamente a saude em seis semanas.»

Seis vezes mais nutritiva do que a carne, sem esquentar, economisa cincoenta vezes o seu preço em remedios.

Preços fixos da venda em toda a peninsula.—Em caixas de folha de lata, de 1/4 kilo, 500 reis; de 1/2 kilo, 800 reis; de 1 kilo, 1$400 reis; de 2 1/2 kilos, 3$200 reis; de 6 kilos, 6$000 reis.

O melhor chocolate para a saude é o *Revalesciére Chocolatada;* ella restitue o appetite, digestão, somno, energia e carnes duras ás pessoas, e ás creanças as mais fracas, e sustenta dez vezes mais que a carne, e que o chocolate ordinario, sem esquentar; os preços são os mesmos da *Revalesciére*.

DU BARRY & C.ª LIMITED—8, rue Castiglione, Paris; 77, Regent Street.—Londres.

Depositos—Em Aveiro: F. E. da Luz e Costa, pharmacia.

No Porto: Cassels & C.ª, 127, rua de Nousinho da Silveira.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

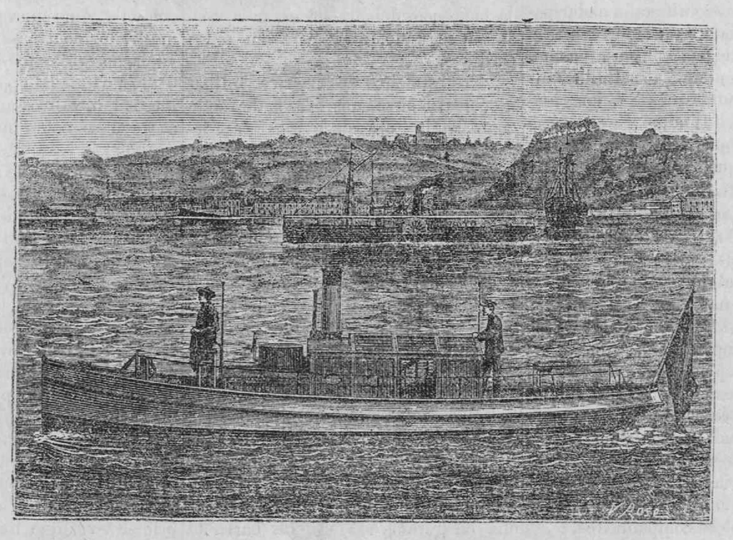
NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macinas a vapor e suas caldeiras, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e oendese tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza, Santo Amaro—LISBOA.

CARNE, FERRO e QUINA
O mais fortificante dos **Alimentos** alliado aos **Tonicos** mais reparadores.
VINHO FERRUGINOSO AROUD
EXTRAHIDO DE TODOS OS PRINCIPIOS SOLUVEIS DA **CARNE**
CARNE, FERRO e QUINA! Dez annos de exito constante e as affirmações das mais altas sumidades da sciencia medica, provam que a associação da **Carne**, do **Ferro** e da **Quina**, constitue o mais energico reparador até hoje conhecido para curar: a *Chlorose*, a *Anemia*, a *Menstruação dolorosa*, a *Pobreza* e a *Alteração do sangue*, o *Rachitismo*, as *Affecções escrofulosas e escrophuticas*, etc. O **Vinho Ferruginoso Aroud** é, com effeito, o unico que reune tudo que tonifica e fortifica os orgãos, regularisa e augmenta consideravelmente as forças ou restitue o *Vigor* e pureza do sangue empobrecido, a *Cor* e a *Energia vital*.
Venda por grosso, em Paris, na Pharm.ie de J. FERRÉ, r Richelieu, 102 Successor de AROUD
ESTA IGUALMENTE A VENDA EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS DO EXTRANGEIRO.
EXIGIR o nome e a assignatura AROUD

VERITABLES GRAINS de Santé du docteur FRANCK
VERDADEIROS GRAOS DE SAUDE DO Dr FRANCK
Aperientes, Estomachicos, Purgativos, Depurativos
Contra a Falta de appetite, Prisão de ventre, Enxaqueca, Vertigems, Congestões, etc.—*Dose ordinaria: 1, 2 a 3 grãos.*
Exigir as CAIXINHAS AZUES com o rotulo em 4 COREs e o Sello da União dos Fabricantes
Em PARIZ, Pharmacia LEROY. — Depositos em todas as principaes Pha.^{cias}

INJECTION BROU
Hygienica, infallivel e preservativa, a unica que cura, sem nada juntar-lhe, os corrimentos antigos ou recentes.
Encontra-se nas principaes Pharmacias do Universo, em Paris, em casa de J. FERRÉ, Pharmaceutico, Rua Richelieu, 102, Successor de M. BROU.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE
AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES
DE
500 RÉIS SEMANAES
A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.
As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA
COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.*; 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Pariz.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de **DEFLUXOS, TOSSE** INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO **XAROPE do Dr FORGET** Em todas as Pharmacias do Universo *Exija-se o endereço ao lado*

36 Rue Vivienne **CHABLE** PARIS

300,000 Doentes curados de **GONORRHÉA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc.** PELO **CITRATO DE FERRO CHABLE** Em todas as boas Pharmacias *Exija-se o endereço ao lado.*

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & P.^{os}, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia-Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinalde Ribeiro Junior.

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularizam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO
GUIOMAR TORRESÃO
Almanach das Senhoras, para 1889.. 240
ECA DE QUEIROZ
Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes..... 2$000
DAVID CORAZZI, EDITOR

DECIMO VOLUME DA
BIBLIOTHECA UNIVERSAL ANTIGA E MODERNA

O LIVRO DOS SNOBS
POR
TACKERAY
(celebre escriptor inglez)

Versão offerecida aos snobs portuguezezes de todas as classes, idade e sexos

N'esta obra teem todos os leitores a certeza de encontrar o retrato dos outros e quasi todos o seu retrato proprio.

A obra consta de 2 volumes e devide-se em 50 capitulos. Preço de cada volume 100 reis. A' venda o primeiro volume, o segundo sahe brevemente. Vende-se na casa editora de David Corazzi, Lisboa.

LIVROS, MUSICAS E JORNAES

As pessoas que desejarem estar em dia com o movimento scientifico, litterario e religoso, nacional e estrangeiro, devem assignar a excellente revista sob o titulo

O MENSAGEIRO LITTERARIO

Esta publicação, além de duas secções—*scientifica e litteraria*, collaboradas por proeminentes escriptores, encerra uma outra *bibliographica*, na qual se encontram mencionados todos os livros e musicas que mensalmente vão apparecendo em Portugal, Brazil, Hespanha, França, Italia, Inglaterra, Allemanha, etc., bem como as novas edições. Condições da assignatura:

Portugal, anno, 2$000 reis; seis mezes, 1$200 reis; Brazil, anno, (moeda fraca) 6$000; seis mezes, 3$600 reis.

Assigna-se na livraria de J. J. de Mesquita Pimentel, rua de D. Pedro, 51 e 53 —Porto.

COLLECÇÃO DOS ACCORDÃOS
DO
SUPREMO TRIBUNAL ADMINISTRATIVO

Proferidos sobre a materia contenciosa desdes a sua organisação (9 de julho de 1870) até 31 de dezembro de 1883, copiados na integra da Legislação Official e coordenados alphabeticamente
POR
Miguel da Costa Trindade
Amanuense do Governo Civil de Leiria

Estão publicados 3 volumes que conteem: o Decreto de 9 de junho de 1870 pelo qual foi separado o Conselho d'Estado Politico do Conselho d'Estado Administrativo, ficando este a denominar-se Supremo Tribunal Administrativo; o relatorio apresentado pelos ministros e secretarios d'Estado que motivou aquelle Decreto; e todas as resoluções proferidas sobre;—Accordãos—Acções—Actas—Açudes—Aforamentos—Alcances—Alheação—Alfandegas—Alinhamentos—Arrematações—Arvores—Assembleias—Audiencias—Baldios—Boticarios—Brazões—Camaras Capellas—Carnes (fornecimentos)—Celleiros communs—Cemiterios—Companhias—Compascuo—Conflictos—Contas—Contractos—e Contribuição industrial.

A parte que respeita á contribuição industrial é sem duvida uma das, mais importantes d'esta collecção por que n'ella se acham resolvidas as muitas e differentes interpretações a que dão logar as leis e regulamentos respectivos, não só sobre o lançamento d'esta contribuição, como sobre a formação de matrizes, classificação das industrias, mudança de umas classes para outras, omnissão de inscripção, organisação e attribuições dos gremios, attribuições das camaras municipaes, juntas dos repartidores, escrivães de fazenda, tribunaes e funccionarios superiores; maneira de interpôr os recursos ordinarios e extraordinarios, informações colhidas, validade de attestados e declarações, provas, prasos, annullações e muitos outros incidentes que se dão n'este ramo de serviço publico e que occasionam a infenidade de acclamações e recursos que constantemente sobem ás instancias superiores, interpostos por contribuintes ou pelos funccionarios que a isso são obrigados por lei.

Não obstante os accordãos se acharem coordenados alphabeticamente de fórma que de prompto se encontram todas as resoluções que tenham sido proferidas em recursos sobre certo e determinado assumpto, ainda cada volume é precedido de um desenvolvido indice alphabetico não só dos negocios de que trata cada uma das resoluções, tambem das doutrinas expendidas nos respectivos considerandos.

Preço dos 3 volumes 2$150 reis, franco de porte.

A' venda: na redacção do *Districto de Leiria*, Leiria; no Porto, Livraria Internacional de Ernesto Chardron; Lisboa, livraria do sr. Joaquim José Bordallo, travessa da Victoria; e em outras das principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

CARVALHO & PONS—EDITORES
Rua do Instituto Industrial, 23 a 21
LISBOA

A BIBLIA SAGRADA

Edição monumental esplendidamente adornada com primorosas illustrações, desenhadas por A. Greno, A. Ramalho, E. Condeixa, M. de Macedo, Marques de Oliveira, Moreira Rato, e Silva Porto; gravadas em madeira por A. Pedroso, C. Alberto, Heitor & Lallemant, J. Kijölner, e R. Feijóo.

Versão classica do Padre Antonio Pereira de Figueiredo, auctorisada pelo Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Guilherme, e confirmada pelo esclarecido voto do Eminentissimo Cardeal Patriarcha de Lisboa D. José III.

Escrupulosamente revista sobre o texto latino da vulgata por Xavier da Cunha, 2.º conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

A FATEIXA

Publicação mensal sobre coisas... portuguezas. Um volume de 180 paginas collaborado por escriptores distinctos, 200 reis. Deposito na livraria de Barros & Filha, rua do Almada, 104 a 114, Porto

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO